Ano 21 Nº 94

SOMNIUM

Publicação Oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica

C.L.F.C.
1985

CLFC
2005

SOMNIUM® é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

ANO 21 — **Nº 94** — MAR/ABR 2006
Editor: RCNascimento

ÍNDICE

Editorial 1

Artigos

- "The Pulp Jungle" — Braulio Tavares — 2
- A ficção científica e sua aplicação na educação: uma alternativa para professores e educadores — Carlos Alberto Machado — 7
- Stefan Wul, um pulp europeu — Marcello Simão Branco — 11

Resenhas

- *Planolândia: um romance de muitas dimensões* — Nelson Marques e Bernardo Esteves — 13
- *O rasgão no real: metalinguagem e simulacros na narrativa de ficção científica* — Roberto de Sousa Causo — 17
- *A zona escura* — Rafaela Mathias — 18

Contos

- Decomposição — Carlos Paraná — 19
- Zimbório do novo homem — Ivan Carlos Regina — 25
- Entropia final — Miguel Carqueija — 29

Legião Estrangeira

- Fu'bol — João Ventura [Portugal] — 30

Depoimento

- 19ª Bienal Internacional do Livro — Martha Argel — 32

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo [SP] aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 2006/2007, está composta pelos sócios Alfredo Keppler Franz Neto [Presidente], Humberto Fimiani [Secretário Executivo] e Ataíde Tartari [Tesoureiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do SOMNIUM deve ser endereçada a:
Caixa Postal 2105 - Ag. Central, São Paulo [SP] 01060-970

clfcbr@attglobal.com.br
editoria_somnium@yahoo.com.br
www.clfcbr.org
lista-do-clfc@yahoogrupos.com.br — acesso livre
socios-do-clfc@yahoogrupos.com.br

EDITORIAL

Graças à resposta positiva de nossos colaboradores, estamos entregando mais um número de nosso clubzine. São quatro páginas a menos que as das últimas três edições, mas com a mesma variedade e qualidade de matérias que fazem a tradição do *Somnium*.

Na fase atual, já são quatro edições bimestrais regulares com um total de trinta e cinco matérias assinadas por vinte e nove autores distintos, mostrando assim uma ampla gama de material, interesses e pontos de vista. Essa variedade na autoria das matérias mostra o vigor e o potencial de engajamento e criação de nosso fandom, que responde favoravelmente sempre que se defronta com alternativas objetivas de escoamento de sua produção intelectual.

A ilustração de capa do número anterior, de autoria de Octavio Aragão e inspirada em conto de Márcia Olivieri, foi muito elogiada. Como infelizmente não pudemos repetir a dose, este número também tem sua capa em branco como já aconteceu antes e continuará acontecendo enquanto não tivermos ilustrações disponíveis.

Em contrapartida, esta edição traz de volta a arte de Roberto Causo com as ilustrações de interior que marcaram a primeira fase das edições do *Somnium*. Que este ressurgimento não seja efêmero e estimule outros de nossos ilustradores, como Cerito e Schima, a nos permitir o prazer de curtir seu imaginário.

Até este número conseguimos manter a presença feminina em nossas páginas, como era de nossa pretensão inicial; contudo, com a publicação da resenha da Rafaela Mathias e do depoimento da Martha Argel, esgotou-se o estoque de material com origem no sexo [nada]frágil. Portanto, meninas, mãos-à-obra!

E já que o tema é "amassar barro", como andam seus trabalhos voltados ao número 98 e que será dedicado ao editor Gumercindo Rocha Dórea ? já escolheu sua forma de colaboração ? já iniciou suas pesquisas ? já redigiu suas primeiras "mal traçadas linhas" ? Todos contamos com você.

Finalmente, veja abaixo uma dica de como você pode divulgar seus escritos de forma prática, ampla, e gratuita. Boa sorte.

INDEPENDENTBOOK.COM

We are an independent ebook publisher and elibrary.

We are different than the other ebook publishing companies. First, we don't sell ebooks, and our priority is not to make profit. Secondly, we don't charge the writers to post their ebooks here. We are even different than the other libraries because we can be reached by anyone across the globe and you don't need to be a member to read or download books.

Our mission is to provide a medium for all writers (known, unknown, famous, infamous, etc.) from anywhere to publish their writings **in any language**. We will help amateur and young writers to be published, have visibility, and become recognized. Simultaneously, we provide a medium for all book lovers to read books that they otherwise never would have had access to, for free. We also would like to provide a site where writers and readers can communicate, share ideas, and interact in a way never before imagined.

ARTIGOS

"THE PULP JUNGLE"

Braulio Tavares

Literatura e literatura popular.

Só é possível entender uma obra de arte se entendermos a pessoa do autor e as circunstâncias em que a obra foi criada, ou será que a obra é um produto final e, uma vez acabada, desprega-se de seu autor e tem existência autônoma? A "verdade" (se é que existe) não está em nenhuma das duas hipóteses, mas numa colcha-de-retalhos entre elas. Como analisaríamos a obra de Thomas Pynchon se nos fosse revelado que os livros desse autor invisível foram na verdade escritos por Bob Dylan, nas horas vagas entre uma turnê e outra? Como reagiríamos se um maço de manuscritos inéditos de Machado de Assis nos revelasse que o *Dom Casmurro* tinha sido escrito pela sua silenciosa esposa, Dona Carolina? Que conotações ganharia meu livro *A Máquina Voadora*, se eu revelasse ao mundo o nome de seu verdadeiro autor?

"Quem escreveu esta história? Quem é o ser humano por trás dela?" Todo leitor se faz perguntas assim. Em nossa cultura, conceitos como "O Escritor que Escreve por Amor à Arte" e "O Escritor de Aluguel que Trabalha por Dinheiro" são clichês facilmente visualizáveis. O Artista -- e o Profissional. Esta divisão corresponde a dois tipos de fato existentes, embora esteja muito longe de esgotar a "fauna" disponível. Conheço (pessoalmente ou por informação indireta) muitos escritores que dizem: "Minha obra é minha, cada vírgula dela quem coloca sou eu, quem decide como vai ser sou eu; se interessar a mais alguém, tanto melhor". E conheço autores que dizem: "Eu escrevo qualquer coisa, desde que eu veja como se faz, e desde que me paguem."

Haverá alguma relação social e econômica entre os admiradores dos Autores Artistas, e os fãs dos Autores Profissionais? Será que os admiradores de Proust e os de Alexandre Dumas pertencem a classes sociais diferentes? Será que os "ricos" preferem artistas que não pensam em dinheiro, e os "pobres" se identificam com autores que trabalham em regime de operariado? Talvez para as pessoas que se julgam pertencentes a uma elite convenha usar uma definição de Arte sem interfaces com conceitos tipo "artesanato", "carpintaria". Para elas Arte é algo individual, mesmo quando é praticada numa "manufatura", numa árvore hierárquica de Mestres e Aprendizes, como Miguel Ângelo regendo a pintura da Capela Sistina. Mesmo que outras mãos estejam pintando, o Artista é ele, o impulso é o dele, o DNA inteiro da obra brota dele.

Por outro lado, a oficina medieval parece imensamente com o estilo de Alexandre Dumas, que criava seus mosqueteiros e montecristos ditando para os copistas, além de empregar *ghost-writers*; ou com o de Erle Stanley Gardner criando em voz alta as peripécias rocambolescas do advogado Perry Mason para uma linha-de-montagem composta por taquígrafas e ditafones.

Nesse universo, a *pulp fiction* (incluindo aí todos os gêneros – guerra, crime, FC, horror, espionagem, *westerns*, etc.) é uma continuação direta dos folhetins europeus. O folhetim policial francês teve contrapartidas no policial americano. O "tipo" Rocambole, de Ponson du Terrail, retornou neste século como Arsène Lupin, na própria França. Já Lupin foi uma das influências (juntamente com Drácula e outras) que definiram a figura de The Shadow para seu autor Walter Gibson ("Maxwell Grant"). Gibson foi certa vez por elogiado por um leitor 20 anos mais velho, ao ler uma aventura do Sombra, como sendo "o Dumas moderno". Pode-se pensar também que Fantomas, o arqui-vilão de Marcel Allain e Pierre Souvestre, é o talento de Rocambole com a maldade de seu antagonista Sir William.

Nesse rincão disneyano da literatura, os super-heróis e os arqui-vilões são o que interessam ao leitor, e não a personalidade do autor do livro. O leitor típico (embora não o único) desse tipo de literatura é aquele que, se avistar um livro do autor sem o personagem, não se interessa muito, mas se vir uma aventura do mesmo personagem assinada por outro nome qualquer, compra no ato.

Existem casos trágicos de escritores com temperamento de Artista e uma imensa intenção de se tornarem profissionais, mas só o conseguem nas circunstâncias mais sofridas: é o caso de Edgar Poe, por exemplo. O que teria ele passado a produzir, se os *Crimes da Rue Morgue* virassem um best-seller, deixando-o pelo menos tão bem de vida quanto Charles Dickens? Algumas das obsessões de Poe na primeira metade do século passado estão na ordem do dia na segunda metade deste: o Simulacro, o *Noir*, o Decadente *Doré*, o Gótico, o Semiótico, o estudo de Criptografia e Probabilidades, o mergulho nos

Estados Alterados da Consciência humana. Quanto ao faro de Poe para agradar as massas, basta ver os três gêneros que ele fundou ou ajudou a definir: o Horror, o Policial, a FC. Pela quantidade imensa do que produziu em 40 anos, em difíceis condições, pode-se supor que Poe, por mais que quisesse ser grego enquanto poeta, e fosse europeu demais para os EUA de seu tempo (como o foram, tempos depois, Henry James, Eliot, Raymond Chandler), era um escriba que, no mercado *pulp* de exatamente cem anos depois, poderia ter se tornado um Fritz Leiber. Diz um ditado que "Ninguém é profeta em sua propria terra"; nem em sua própria época, poderíamos dizer, vendo o irônico destino de Edgar Poe e de Philip K. Dick.

The little man in the skunk work.

A *pulp fiction* depende, talvez mais do que qualquer outra literatura, das condições em que é (ou era) produzida. A personalidade, a alma, a sensibilidade pessoal do Autor vêm depois: o que mais marca esse tipo de ficção é acima de tudo o seu aspecto quantitativo, o fato de ser uma literatura que pagava alguns centavos de dólar por palavra e que em consequência obrigava seus praticantes à tarefa hercúlea de escrever sem parar, dia após dia, mês após mês, ano após ano. Existem relatos notáveis sobre os folhetins franceses e seus autores, como *Folhetim* de Merlise Meyer (Companhia das Letras); seria interessante compará-los com os valentes escribas anônimos que faziam vender 10 milhões de revistas por mês nos EUA, em 1935, quando, segundo Robert Lesser em Pulp Art (1997), "o ramo de livros estava pobre, e ficando ainda mais pobre, enquanto o ramo de *pulp magazines* estava rico, e continuava enriquecendo."

Entre os numerosos registros autobiográficos do que foi a época de ouro da *pulp fiction* americana, um excelente livro é **The Pulp Jungle** de Frank Gruber (Los Angeles, Sherbourne Press, 1967, 189 pags.). Não chega a ser uma autobiografia: é um "balanço" do que foram os anos, durante a década de 30, em que Gruber foi para Nova York e mergulhou na jângal dos *pulp magazines*, subindo lentamente para a fama, até transformar-se num autor consagrado no mercado de livros e de roteiros para Hollywood.

Frank Gruber nunca escreveu FC, mas seu livro inclui alguns saborosos episódios envolvendo figuras conhecidas dos *pulps* de FC. Por outro lado, suas observações sobre a vida dos escritores *pulp* novaiorquinos nos fornece um excelente retrato das condições em que era produzida a FC no período de transição entre a FC aventuresca dos anos 30 e a FC "de idéias" cultivada na chamada Golden Age dos anos 40.

Frank Gruber foi um escritor voltado para outros gêneros: o romance policial e o *western*. Foi um colaborador habitual da famosa *Black Mask*. Não sei se algum livro seu já foi publicado no Brasil: lembro apenas de ter lido alguns contos em revistas como o *Mistério Magazine de Ellery Queen*, *X-9* e outras. Alguns de seus romances policiais saíram pela "Colecção Vampiro" da Editora Livros do Brasil, a coleção "irmã" da Argonauta. Li alguns deles (o único título que lembro é *Ofício de Matar*), que têm como heróis a dupla Johnny Fletcher e Sam Cragg, dois amigos sem grana que vivem se envolvendo em crimes e tendo que descobrir o assassino para escapar da cadeia. Outro personagem famoso de Gruber é Oliver Quade, a Enciclopédia Humana, um detetive amador que tem uma vastíssima cultura de almanaque.

Gruber começa seu livro dizendo que sua primeira leitura foram os livros de Horatio Alger, um autor cuja obra consiste basicamente em livros contando a história de garotos pobres que ficam ricos. O *Martin Eden* de Jack London também servia de inspiração a Gruber nos momentos difíceis. Nessas fases de pindaíba literária, é sempre bom pensar na meia-dúzia de sujeitos que passaram por situações semelhantes e um dia se tornaram ricos e famosos; se pararmos para pensar nos *milhões* de sujeitos que permanecem na pindaíba até o fim da vida, dificilmente teremos motivação sequer para abrir os olhos de manhã.

FG casou e, depois de alguns empregos que pagavam mal (era a época da Depressão americana) resolveu tentar a carreira literária, baseado no fato de já ter vendido algumas histórias. Ele diz que muitos anos depois descobriu em seus arquivos um velho "livro razão" onde tinha registrado minuciosamente toda sua vida literária no período de agosto de 1932 até junho de 1934. A descrição deste período na vida de Gruber foi certa vez classificada por um escritor amigo seu como *"a mais arrepiante história de horror que já escutei em minha vida"*.

Durante esse período (Gruber morava com a esposa na casa dos sogros, em Webster Groves, um subúrbio de St. Louis, Missouri) ele escreveu um total de 174 textos. Total de palavras: cerca de 620 mil, ou o equivalente a oito livros. FG afirma ter vendido 107 dos textos escritos nesta fase, embora

muitos só tenham sido vendidos meses ou anos depois. Tudo foi escrito (e passado a limpo) numa máquina Remington portátil. E sobre o que versavam esses textos? Tudo. Histórias para suplementos dominicais. Histórias eróticas de espionagem. História de detetive, de esportes, de amor. Histórias curtíssimas, e até mesmo um romance. Artigos sem conta, abordando até assuntos especializados como "Como Eliminar Vermes em Galinhas". E trinta e seis contos dirigidos ao mercado dos *pulp magazines* de New York, das quais apenas doze foram vendidos, rendendo um total de 156 dólares (quatro destas histórias nunca foram efetivamente pagas). Quando uma história era devolvida, FG a colocava num envelope no mesmo dia e a remetia a outra publicação. Certa vez ele vendeu um conto para a revista *Grit* por 3.50 dólares. Era um conto de 3.500 palavras que tinha sido rejeitado por um total de 22 revistas: o total de postagem consumido pelo conto até ser aceito superou em muito o pagamento recebido.

"Segunda-feira era o dia crucial," recorda ele. *"Numa Segunda-Feira Negra, recebi de volta catorze histórias recusadas. Mas em outra Grande Segunda-Feira havia cinco envelopes com cheques".* Finalmente, Gruber e a esposa decidiram que ela iria ficar algumas semanas na casa dos pais enquanto ele iria para New York, tentar penetrar no mercado editorial. No Capítulo 3, FG traça um mapa sucinto do mercado dos *pulps*, dando o nome e endereço de cada editora, os títulos publicados por elas, e um breve perfil dos principais editores (que irão aparecer de forma recorrente ao longo do livro). Diz ele: *"Em New York e arredores havia cerca de 300 escritores pulp já estabelecidos no mercado, e que periodicamente cercavam os editores, os quais não eram mais que algumas dúzias, oferecendo seu material. Talvez cerca de mil outros autores mandassem seus textos pelo correio, de todo o território dos EUA, e de outros países. (...) Na Califórnia havia não menos de uma centena de autores, entre os quais gigantes como Erle Stanley Gardner, Walt Coburn e Harry Olmsted".*

Big City Blues

Gruber chegou a New York em julho de 1934 e começou a conviver na "jângal pulp". Não era fácil. Os contos não vendiam, o gerente do hotel o perseguia o tempo todo exigindo pagamento, a esposa continuava à espera de boas notícias. Morrer de fome ninguém morria; entre outros episódios curiosos sobre restaurantes da época, ele menciona a famosa "Sopa de Tomate" dos restaurantes automáticos (onde se enfiava uma moeda numa máquina e se retirava um prato quente). Em que consistia essa sopa? Muito simples. Você pegava uma pequena tigela destinada à sopa, e a enchia com água quente (que era grátis). Depois ia até o balcão e pegava dois pacotinhos de bolachas, que eram servidas grátis a quem tomava sopa. Depois sentava numa mesa, esmigalhava as bolachas na água quente, derramava ali dentro metade do frasco de ketchup e... *tchan-tchan-tchan-tchaaaan!* Sopa de tomate.

A obstinação acaba vencendo: pouco a pouco FG começou a vender histórias para os *pulp magazines*. Em 1934 sua renda total como escritor foi de menos de 400 dólares; em 1935 foi de dez mil dólares, o que era *"very, very good money".* Neste ano, ele escreveu um total de 57 histórias, e vendeu 55. Um pagamento de 2 *cents* por palavra num *pulp magazine* era considerado bom.

"O Número Um, o objetivo final de todos os escritores pulp, era Black Mask. Os escritores de Black Mask eram a elite da elite. Logo em seguida vinham os escritores de Adventure, Short Stories, Argosy e Detective Fiction Weekly. O prestígio dessas revistas não era determinado necessariamente pelo preço que pagavam aos autores. Black Mask costumava pagar entre dois e quatro centavos por palavra. Detective Fiction Weekly e Argosy pagavam a Max Brand, segundo se comentava, cinco centavos, e muitos autores recebiam três. É bom lembrar que Dime Western e Dime Detective, embora não fossem consideradas revistas de elite, pagavam a alguns autores como Walt Coburn, Harry F. Olmsted e outros, três centavos por palavra. O pagamento básico da maioria dos "pulp magazines" era de um centavo por palavra. As editoras de periferia pagavam menos que isto, mas em editoras como Standard, Popular Publications, Street & Smith, e Munsey, o pagamento usual era de um centavo por palavra."

Ele chama a atenção do leitor para o fato de que, se salários eram baixos nessa época, o custo de vida também era.

"Eu conhecia escritores em Greenwich Village que pagavam apenas 25 ou 30 dólares por mês de aluguel; um aluguel de 50 dólares era considerado uma ostentação. Comida não custava mais do que dez dólares por semana, e se comia bem. Um café-da-manhã no Nedick's custava dez centavos. Por este preço era possível ter um copo de laranjada, duas roscas e uma xícara de café. Almoço, na maioria

dos restaurantes do centro da cidade, custava de 40 a 45 centavos; jantar, de 75 centavos até um dólar."

As festas típicas dos escritores eram chamadas *"gin parties"*. Uma festa custava menos de dez dólares. Oito para o gin, um para o gelo, e 50 centavos para o limão. Ninguém servia comida. As festas reuniam autores, editores, agentes. Numa dessas festas, no apartamento de George Bruce, quando eram dez da noite o dono da casa anunciou que precisava entregar uma história de 12 mil palavras na manhã seguinte. Sentou-se à sua mesa, num canto, e começou a escrever à máquina, numa sala tão cheia de gente que mal era possível andar. Bruce datilografou sem parar durante quatro horas, completamente alheio ao burburinho à sua volta. Às duas da manhã, puxou da máquina a última folha do conto, e pediu uma dose de gin.

É extensa a galeria de personagens que aparecem nas memórias de Gruber: editores como Leo Margulies, F. Orlin Tremaine, Howard Bloomfield, Joseph Shaw (*Black Mask*). Escritores como Carroll John Daly, Lester Dent (o autor de *Doc Savage*), Raymond Chandler, Walter Gibson ("Maxwell Grant"), Cornell Woolrich, Arthur J. Burks, Dashiell Hammett, Erle Stanley Gardner. Alguns episódios são trágicos, outros cômicos, outros surpreendentes. Ele fala de F. Orlin Tremaine, o conhecido editor de *Astounding Science Fiction*, e seu modo muito pessoal de escolher histórias. Os manuscritos eram empilhados, e dois dias antes da revista ir para a gráfica Tremaine sentava e começava a ler as histórias, começando pelo manuscrito no alto de pilha. Quando juntava histórias suficientes para preencher o total de páginas da revista, ele invertia a pilha, para dar a mesma chance aos manuscritos que estavam na parte de baixo. Como ele nunca conseguia ler a pilha inteira até embaixo, os autores cujos manuscritos estavam no meio chegavam a esperar até um ano antes de receberem um cheque ou uma carta de recusa.

Gruber convivia nos círculos de escritores policiais e de *western*. Sua convivência com autores de ficção científica era menor, e ele conta um episódio engraçado a este respeito. Ele estava em seu quarto de hotel com o amigo Jack Reardon quando chegou outro amigo, Mort Weisinger (1915-1978, que mais tarde seria editor de *Thrilling Wonder Stories*, *Startling Stories* e da revista *Superman*) acompanhado de Julius Schwartz (1915-?, agente literário e editor muito ativo no *fandom* de FC). Os quatro começaram a conversar sobre os escritores de FC (que Gruber chama de *"pseudoscience fiction writers"*). A certa altura, Gruber afirmou que todos os escritores de FC eram esquisitões *(weirdies)*. Weisinger e Schwartz protestaram, e Gruber apostou que numa sala cheia de gente ele seria capaz de conhecer, só pelo olhar, quem escrevia FC.

Os outros "pegaram na palavra". Naquela mesma noite ia acontecer o jantar da American Fiction Guild, para o qual vinham a New York escritores de vários pontos do país. Weisinger desafiou Gruber a identificar no jantar um escritor desconhecido em New York, um tal de J. Hamilton Edwards. Sem poder voltar atrás, Gruber aceitou a aposta, mas conseguiu reduzir o valor inicial da aposta de dez dólares para apenas dois. Os quatro se encaminharam para o jantar, onde cerca de 60 ou 70 escritores já estavam sentados numa imensa mesa em forma de "U". Weisinger olhou em volta e disse: *"Muito bem. J. Hamilton Edwards está aqui. Mostre quem é."* Gruber relanceou os olhos por toda a sala até fixá-los num rapaz com dentes protuberantes. Apontou com o dedo. *"Aquele ali."* E era! Diz ele: *"A história se espalhou, e os escritores de ficção científica me detestam até hoje. Um ou dois anos atrás vi um novo livro de J. Hamilton Edwards, que prosseguiu em sua carreira e tornou-se bastante conhecido. Havia uma foto dele na contracapa. Os dentes enormes tinham sumido! A odontologia moderna é mesmo uma maravilha".*

Reproduzo a anedota para lembrar que o decantado preconceito contra os autores da FC ("são todos *nerds*") não é privilégio dos críticos literários ou dos escritores *mainstream*: é apenas uma parte do rico folclore de preconceitos, clichês e lugares-comuns mentais que a maioria das pessoas cultiva, principalmente quando faz parte de uma minoria que disputa espaço profissional com minorias semelhantes.

Gruber complementa o episódio dizendo: *"O leitor há denotar que neste episódio usei o termo pseudoscience fiction. Era assim que este gênero era chamado antes e depois de 1934. Depois da Guerra, no entanto, o pseudo foi eliminado. De qualquer modo, era um termo muito abrangente. Incluía histórias sobre ciência, fantasia, contos sobre monstros e lobisomens".*

O livro de Frank Gruber, com sua narrativa informal e intensamente personalizada, nos dá um retrato do que era o mercado editorial dos *pulp* nos anos 30-40. Ele chega até a informar quanto era o salário médio de um editor de revista na época. Leo Margulies, segundo ele o editor mais bem pago do ramo, ganhava 250 dólares por semana para editar toda a cadeia de *pulps* de Ned L. Pines (que incluía *Thrilling Wonder Stories*, *Startling Stories*, *Strange Stories* e inúmeros outros pulp não-FC). Margulies trabalhava com três assistentes que filtravam os manuscritos enviados a todas as revistas: se qualquer

um desses recusasse um manuscrito, este era logo devolvido. Uma história só chegava às mãos de Margulies se fosse aprovada pelos três assistentes; neste caso, em geral ele a comprava automaticamente.

John Nanovic, editor dos pulp publicados pela Street & Smith, era responsável por uma verba de milhares de dólares mensais para compra de manuscritos; mas seu salário não ia além de 65 dólares por semana, e seus assistentes recebiam entre 30 e 40 dólares semanais. Diz Gruber: *"John ainda era solteiro em 1935 e morava no Hotel Taft em Times Sqiare, num quarto que tinha a metade do tamanho do meu na Rua 44; pagava por ele nove dólares semanais".* Ele "dá uma geral" no mercado informando (ou avaliando por conta própria) os salários de Mort Weisinger, Rogers Terrill, Ken White, Eduythe Seims, Harry Widmer, Fanny Ellsworth, Dorothy McIlwraith, Joseph Shaw e outros.

O livro de Gruber é uma fonte histórica valiosa, mas que deve ser abordada com cuidado, como toda fonte. Ele próprio muitas vezes adverte que está citando apenas de memória, ou que está passando adiante, sem confirmação, uma história que foi contada por outra pessoa. Ron Goulart, em seu excelente estudo *The Dime Detectives* (New York, Mysterious Press, 1988) considera as memórias de Gruber *"far from accurate"*, citando um trecho onde Gruber declara que Theodore Tinsley escrevia sobre *night-clubs* sem jamais ter frequentado um, fato que depois Tinsley negou com veemência.

Para o leitor de FC, o livro de Gruber serve como uma espécie de documentário em preto-e-branco sobre o mundo que deu origem à FC. Se quisermos saber em que tipo de meio sócio-econômico surgiu a FC dos anos 30, basta ler os livros policiais dos anos 30. A literatura policial e a FC dos *pulp magazines* brotava desse precário submundo de autores e editores geralmente mal-pagos (mas que eventualmente enriqueciam) vivendo em hotéis baratos, alimentando-se de café e sanduíches no bar da esquina, martelando dia e noite em enormes máquinas de escrever, guardando cópias carbono de seus manuscritos em caixas de papelão, peregrinando pelos escritórios dos editores e tentando "vender" a idéia de um seriado, de um personagem. Se quisermos saber como era o mundo em que foi criada a FC da época de Depressão e da Segunda Guerra, ajuda muito ler a literatura policial da época. É bom ter em mente que, embora os *pulp magazines* publicassem autores do país inteiro, eles se concentravam em New York, e era lá que vivia a maioria dos seus colaboradores. Os expoentes mais conhecidos aqui no Brasil do *roman noir* são Dashiell Hammett, Raymond Chandler e David Goodis; mas os três moravam na Califórnia. Existe todo um "outro lado da moeda" no *roman noir* novaiorquino, nas obras de Cornell Woolrich ("William Irish"), Frank Gruber, Bruno Fischer, Walter Gibson ("Maxwell Grant") e outros clássicos.

Do Pulp ao Pop

O mundo descrito por Frank Gruber é o dos derradeiros anos da *pulp fiction*. O fim da Segunda Guerra viu essas revistas baratas serem pouco a pouco substituídas pelos *paperbacks*, aquilo que em português chamamos "livros de bolso" (nos EUA, *Pocket Books* é a marca registrada da editora dirigida por Robert de Graff que deu partida a esse tipo de publicação em 1939). Em 1941, depois do lançamento da *Pocket Books*, a Avon lançou sua própria linha de "paperbacks", sendo acompanhado pela secção norte-americana da Penguin, dirigida por Ian Ballantine (que depois sairia de lá para fundar em 1945 sua própria editora, a Bantam Books, seguida pela Ballantine Books, que marcou época na FC e fantasia). A Dell Publishing entrou no ramo em 1943. A secção americana da Penguin foi em seguida comprada pelos seus administradores, que mudaram seu nome para New American Library of World Literature, lançando livros com os selos "Signet" (em 1948) e "Mentor". A Fawcett criou em 1950 a sua linha "Gold Medal" especializada em livros inéditos (até então, a maior parte dos títulos em paperback era de reimpressões de *hardcovers* ou de histórias serializadas em revistas).

Quando o racionamento de papel acabou com o fim da II Guerra, as edições em paperback, antes forçadas pelo racionamento a limitar suas edições a 100 mil exemplares, explodiram. Ron Goulart, em *The Dime Detectives*, afirma com razão que a história das artes populares pode ser vista como a história de um formato suplantando outro. Este fenômeno se dá em todas as áreas: a era do teatro teve que ceder espaço à era do cinema, que por sua vez cedeu espaço à televisão, e esta começa a ver o surgimento de novas formas (Internet, realidade virtual, sabe-se lá o quê). No caso da literatura popular, os *chapbooks* e a *littérature de colportage* cultivados na Europa no século 18 deram lugar aos livros maiores porém baratos do século 19, às *dime novels* dos fins desse século, e finalmente aos *pulp magazines* do início do séc. 20, que por sua vez cederam lugar, após a II Guerra, aos *paperbacks.* Nem sempre o formato que é suplantado deixa de existir: em geral ele apenas se reduz, se contrai, até ficar ocupando apenas um nicho minúsculo e persistente do mercado que outrora dominou.

O surgimento dos *paperbacks* e a morte dos *pulp magazines* coincidiu com o aparecimento de revistas em formato *digest* e maior sofisticação literária (*Galaxy*, *Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Ellery Queen's Mystery Magazine*, etc.), e acompanhou a maioridade literária da FC, que se deu durante os "anos Campbell" e posteriormente com a New Wave dos anos 60.

Já vi um escritor afirmar, com ironia, que os bons livros são analisados pelos críticos literários, e os maus livros pelos sociólogos. Na verdade, o que existe é uma deformação da parte dos críticos literários que colocam os critérios puramente estéticos acima de todos os outros, ou que preferem dissecar em minúcias os contos curtos de Borges do que encarar um tipo de literatura que só pode começar a ser entendida após a leitura de *centenas* de livros. A *pulp fiction*, seja ela FC, policial, terror ou aventura, é ficção produzida em escala industrial; a Grande Literatura (chamemos assim) é ficção produzida em escala artesanal. Precisamos reconhecer a especificidade de cada uma, o modo de produção típico de cada uma, o modo como cada um recicla e recria temas e formas, o modo como ambas circulam idéias, o modo como ambas obtêm o afeto e a fidelidade do leitor, o modo como exprimem a sua fatia do espírito de seu tempo.

Num repente de impaciência com alguns críticos, Brian Stableford afirmou certa vez que o preconceito esteticista por parte da crítica literária contra a ficção popular é tão absurdo quanto seria o fato de biólogos preferirem estudar apenas o homem e outros animais "superiores", considerando os vermes e os insetos "indignos" da atenção da Ciência. Um crítico bem aparelhado pode ser capaz de extrair verdades importantes tanto da obra de William Faulkner quanto da de Frank Gruber. Para ler qualquer uma delas é impossível deixar de levar em conta tanto a mente que escreveu quanto a época em que a obra foi escrita, as condições de produção, os estímulos e as limitações que condicionavam tais escritores no momento de sentar diante do teclado. Talvez a "literatura popular" exprima menos o pensamento de um indivíduo (o Autor) do que a turbulência cultural do meio onde ele vivia. Por que motivo seria menos importante do que a "outra"?

A FICÇÃO CIENTÍFICA E SUA APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO
UMA ALTERNATIVA PARA PROFESSORES E EDUCADORES

Carlos Alberto Machado

O filme sempre foi um instrumento poderoso para ser utilizado em sala de aula. Mas sua utilização acaba sendo abandonada muitas vezes por falta de tempo: como a duração dos filmes feitos para o cinema é longa, privilegiam-se, primordialmente, os conteúdos escolares que devem ser trabalhados. Exibir um filme com duração de aproximadamente duas horas, realmente, toma muito tempo do professor. Entretanto, propomos que a escola continue utilizando esse recurso tão necessário em nossos dias.

O vídeo (DVD) e a televisão não devem ficar jogados em um armário da escola. Também é discutível utilizá-los apenas para exibir documentários educativos que, para os estudantes, acabam sendo monótonos e cansativos. Eles apreciam, em demasia, filmes e desenhos de ficção científica. Então, por que não lançarmos mão desse gênero cinematográfico que atravessa a história cultural de várias gerações, que já está integrado à vida de nossos alunos?

Uma alternativa, que muitos professores utilizam é trabalhar vários conceitos dentro de um mesmo filme. Para isso ele deve estar atento para encontrá-los. O professor acostumado a trabalhar com os conceitos de suas disciplinas acaba se acostumando a localizá-los nos filmes que costuma assistir. Outra forma, menos trabalhosa, seria usar seriados de televisão (e a ficção científica está cheia deles), como as séries de *Jornada nas Estrelas* (*Clássica*, *Nova Geração*, *Deep Space Nine*, *Voyager* e *Enterprise*), *StarGate* (*SG1* e *Atlantis*), *Babilon 5*, *FireScape*, *Sliders*, *Além da Imaginação* e *Quinta Dimensão*, entre outros. Seus episódios, com 40 ou 50 minutos cada, sempre trazem conceitos científicos que podem ser trabalhados pelos professores de várias disciplinas em sala de aula.

Uma outra possibilidade, um pouco mais complexa, seria a edição de filmes de longa metragem para, dessa forma, recortarmos o assunto que será trabalhado em sala de aula. Porém, essa última alternativa exige recursos financeiros que muitas vezes o colégio, a faculdade e o professor não possuem. Caso o adquiram através de projetos municipais ou de verba própria para a educação em seu colégio ou instituição de ensino a alternativa seria a edição do filme. Editar uma fita é escolher trechos que interessam e copiá-los em uma outra fita, ou mídia virgem, para então (e somente) exibi-los em sala de aula. Se o professor souber como fazer, ótimo; senão, sugerimos auxílio profissional. Qualquer pequena produtora que realiza filmagens de casamentos possui tecnologia para tanto.

A primazia e a riqueza de conteúdo chegou a tal ponto que, até os cursos universitários vêm utilizando a ficção científica em suas disciplinas, como evidenciado em minha dissertação de mestrado. Menosprezar um gênero que já trabalhou uma versão espacial Shakespeareana como *O Planeta Proibido*, é menosprezar o conhecimento.

A estética da arte e os cursos de comunicação já analisam os filmes cinematográficos e televisivos desde sua criação em meados de 1920. Entre muitos exemplos podemos citar *Metrópolis* de Fritz Lang, *Skanner: sua mente pode destruir* e *Vídeo Drome*, ambos de David Cronemberger. Discussões políticas podem ser realizadas com *Dr. Fantástico*, *O Dia em que a Terra Parou* e *Star Trek (Jornada nas Estrelas)*, neste último analisando a Federação dos Planetas Unidos, órgão federativo que tenta promover a paz na Galáxia. Cabe às diferentes áreas do conhecimento também descobrirem a importância desses filmes como recurso pedagógico.

Professores de História sempre utilizaram filmes de época ou filmes de guerra, para discutir seus conteúdos (com primazia e didatismo). O mesmo vale para os professores de Geografia que têm no cinema um rico instrumento didático. Conhecer o mundo através da tela em nossos dias é mais fácil do que viajar e conhecê-lo pessoalmente.

Professores de inglês aproveitam a língua inglesa encontrada nos filmes atuais, simplesmente desligando o recurso de legenda, no caso dos DVDs, ou ocultando a parte inferior da televisão, no caso das fitas de vídeo, para trabalhar a pronúncia correta.

Albert Einstein costumava dizer que a imaginação é mais importante do que o conhecimento. Ela estimula a criatividade e, por conseguinte, auxilia na solução de problemas. Ora, a imaginação que utilizamos na criação de invenções, nas novas descobertas, na pesquisa científica e na solução de problemas é a mesma que nos permite escrever contos, criar roteiros, imaginar futuros que estão por vir. Alguns autores de ficção científica chegam a imaginar nossa história de forma diferente e para isso é necessário um exercício soberbo. Mundos alternativos onde verificamos como o mundo poderia ter sido se...Hitler não tivesse perdido a guerra; se o primeiro Presidente dos Estados Unidos da América fosse uma mulher; se os cientistas fossem venerados como as estrelas do Rock e por ai vai.

Sempre que falamos em trabalhar ficção científica em sala de aula logo vem a imagem de seu uso na disciplina de física e naturalmente ela teria um número muito maior de alternativas de uso em relação a seus conteúdos. Lamentavelmente alguns professores a utilizam apenas como exemplos negativos e deixam de lado bons exemplos. As séries de *Star Trek (Jornada nas Estrelas)* são o melhor exemplo de vários conceitos corretos da física, da holografia, da astronomia e da cosmologia. Certamente alguns não procedem, como sons no espaço, teletransporte de matéria, viagens no tempo, mas que, ainda assim, podem ser discutidos pelo professor.

Um bom livro para professores de física que se interessem em utilizar a ficção científica em suas salas de aula é: *A Física de Jornada nas Estrelas* (1996), de Lawrence M. Krauss, editado no Brasil pela Makron Books. Ele discute todos os conceitos encontrados nos filmes e nas séries televisivas de *Star Trek*.

Ainda dentro dos exemplos de física, podemos citar alguns filmes feitos para o cinema: *A.I. Inteligência Artificial*, *2001: Uma Odisséia no Espaço* e *2010: O Ano em que faremos Contato*, *Apollo 13*, *Contato*, *O Planeta Vermelho*, *Missão Marte* etc.

Mas não é apenas a física que pode enriquecer-se com esse gênero cinematográfico e televisivo. A filosofia também encontra seus conceitos por aqui. Já existem várias obras especializadas que o demonstram. Os livros: *A Metafísica de Star Wars* (1998), de Richard Hanley, da editora Makron Books, *Matrix: bem- vindo ao deserto do real* (2003) de William Irwin da editora Madras, *A Pílula Vermelha: Questões de Ciência, Filosofia e Religião em Matrix* (2003) de Glenn Yeffeth editado pela Publifolha, e o mais recente *Scifi=scifilo: a filosofia explicada pelos filmes de ficção científica* (2005) de Mark Rowlands, da editora Relume Dumará, são alguns belos exemplos do que explanamos. Conceitos que vão além da Caverna de Platão, como a morte, a vida, realidade, ética, identidade, livre-arbítrio, moralidade, metafísica, onisciência, determinismo, entre outros. Mas os professores de filosofia descobriram uma outra ótima saída para despertar a curiosidade dos adolescentes, também seus alunos. O mercado editorial brasileiro, através da editora Madras, recheou as prateleiras com livros versando sobre filosofia e séries de televisão: *A filosofia de Bufy*, *A filosofia de Harry Potter*, *A filosofia de Senfield* e a *filosofia de Sipsons* são alguns que foram lançados até o momento.

Entre os filmes que trazem questões filosóficas bastante instigantes destacamos: *Matrix*, *Gattaca: A Experiência Genética*, *O Exterminador do Futuro 1 e 2*, *Minority Report: A Nova Lei*, *Independance Day*, *Alien*, *Blade Runner, o Caçador de Andróides*, *Star Wars*, *O Sexto Dia*, *O Homem sem Sombra*, *Frankenstein*, entre muitos outros.

Professores de Biologia vêm trabalhando com filmes de ficção científica há algum tempo, pois eles trazem conceitos e questões relacionadas a essa área que podem ser analisados e discutidos em classe. Alguns exemplos são: *Viajem Fantástica*, *Gattaca: A Experiência Genética*, *A Corrida Silenciosa* (o preferido dos professores da área), *Waterworld: o Segredo das Águas*, *Aquaria*, *O dia Depois de Amanhã*, *O Dia Seguinte*, *Missão Marte*, *O Planeta Vermelho*, *O Segredo do Abismo*, *Jornada nas Estrelas IV - A volta para casa*, *Duna* e a abertura fantástica de *X-Man: o filme*, bem como seu conteúdo, para discutir mutação. Vida, genética, bio-ética, demografia, sobrevivência, ecologia, biodiversidade entre outros, são apenas alguns exemplos do que pode ser debatido em sala de aula a partir da visulização desses filmes. Um livro que pode dar suporte a essa relação biologia/cinema é *A Ciência de Star Wars* (1999) de Jeanne Cavelos, lançado no Brasil pela editora Market Books.

A Psicologia, consciência e inconsciência, o eu, ego e outros tantos conceitos-chave das teorias freudiana, jungiana e lacaniana também podem ser identificados no conteúdo de filmes como *Esfera*, *Solaris* (de Andrei Tarkovski), *Gattaca: A Experiência Genética*, *Matrix*, *Enigma do Horizonte*, *Q-Pax*, *O Vingador do Futuro*, *Laranja Mecânica*, *O Segredo do Abismo*. Um exemplo mais recente é o filme *O Diário do Mochileiro das Galáxias*, onde pode ser encontrado um robô maníaco-depressivo, portas que gemem ao serem abertas ou fechadas, um rei da galáxia que tem um ego enorme, uma arma que ao ser apontada para alguém o induz a dizer a verdade (mesmo oculta). A burocracia e o tédio são notavelmente escrachados denotando uma realidade pós-moderna bem ao estilo *Monty Python*.

Mas porque escolhemos a ficção científica?

Inicialmente porque na contemporaneidade esse gênero de filme é o mais procurado pelos adolescentes e pela população em geral. Basta checarmos as pesquisas de mercado. Essa busca é conseqüência, por um lado, da avançada tecnologia que *Hollywood* vem utilizando cada vez mais em seus produtos cinematográficos e televisivos e, por outro, da forte atração que narrativas sobre o futuro exercem, principalmente, sobre os jovens. São os filmes de ficção científica que costumam ter mais sucesso na bilheteria ou uma audiência maior e são também os mais comentados pela mídia, devido, em grande parte, aos efeitos especiais.

Do ponto de vista didático, é o único gênero que contém todos os outros: comédia (*O Guia dos Mochileiros da Galáxia*, *SOS: tem um Louco Solto no Espaço*, *Marte Ataca*), drama (*O Segredo do Abismo*, *A Esfera*, *Matrix*, *Gattaca: A Experiência Genética*, *Guerra dos Mundos*, *A Invasão*), romance (*Jornada nas Estrelas IV, a Volta para Casa e Insurreição*, *Starman*), policial (*Blade Runner: o Caçador de Andróides*, *Outland: Comando Titânico*, *Predador II*), terror (*Alien*, *A Experiência*, *Alien X Predador*), aventura (*O Buraco Negro*, *Tron*, *Contatos Imediatos de III Grau*) e arte (*Solaris*, *Stalker*, *2001 Uma Odisséia no Espaço*, *Alphaville*). Outra razão para se privilegiar a exibição desses filmes na escola é a praticidade para encontrá-los no mercado brasileiro. Todos os filmes para cinema aqui citados já foram

lançados em VHS ou DVD. As séries estão sendo lançadas aos poucos, mas isso não impede o professor interessado de recorrer a ajuda de colecionadores, cinéfilos e fãs de ficção científica como os *trekkers*[1], por exemplo que procuram ter esse material na versão original, importado.

Também não poderíamos deixar de citar a obra Hamlet no *Holodeck*: *o futuro da narrativa no ciberespaço* (2003), de Janet H. Murray, editado no Brasil pela Editora Unesp e Itaú Cultural. A autora discute as narrativas atuais comparando-as com as séries televisivas de *Star Trek* (*Jornada nas Estrelas Nova Geração e Voyager*), onde o *Holodeck* costuma aparecer com bastante freqüência. O *Holodeck* é um dispositivo que transforma matéria em imagem tridimencional, permitindo aos protagonistas interagirem em mundos holográficos imaginados. Seria como um jogo virtual, mas mais realista.

De certa forma o exercício da exploração de potenciais futuros é uma dos principais objetivos disciplinares da FC na educação. Vivemos em uma sociedade atribulada com mudanças sociais rápidas, as quais nos forçam a olhar para o futuro. Essa busca futurística deve ser uma função básica e contínua no campo da educação. Se levarmos em conta o princípio de que os educandos devem estar preparados para um mundo em que uma iminente diversidade embrionária de novos estilos de vida, valores e sistemas sociais concorrerão para coexistir, então, a educação deve necessariamente expandir seu domínio disciplinar para o campo da projeção futurística também, a fim de poder abarcar o exame do que é possível no potencial do desenvolvimento humano.

Referências indicadas:

CAVELOS, Jeanne. **A Ciência de Star Wars** (Guerra nas Estrelas). São Paulo: Market Books, 1999.

HANLEY, Richard. **A Metafísica de Jornada nas Estrelas.** São Paulo: Makron Books, 1998.

IRWIN, William, **Matrix:** bem- vindo ao deserto do real. São Paulo: Madras, 2003.

KRAUSS, Lawrence M. **A Física de Jornada nas Estrelas.** São Paulo: Makron Books, 1996.

ROWLANDS, Mark. **Scifi=scifilo:** a filosofia explicada pelos filmes de ficção científica. São Paulo: Relume Dumará, 2005.

YEFFETH, Glenn (Org.). **A Pílula Vermelha:** Questões de Ciência, Filosofia e Religião em Matrix, São Paulo: Publifolha, 2003.

Para saber mais, recomendamos consultar a dissertação de mestrado do autor, "Contribuições da ficção científica para o conhecimento e a aprendizagem" (2000), realizada pela Universidade Federal do Paraná e que está para ser lançado em livro. Atualmente, Carlos Alberto Machado é aluno de pós-graduação no curso de doutorado em Educação na linha de pesquisa "Processos Culturais, Instâncias de Socialização e a Educação", pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde continua trabalhando e aprofundando suas idéias em relação à ficção científica em sala de aula, orientado pela Profª Drª Rosália Duarte. Contatos com o autor pelo mail: cipexbr@yahoo.com

Carlos Alberto Machado é ainda membro do GRUPEM, da Confraria de Escritores de Ficção Científica e do CLFC.

[1] Fãs do seriado Jornada nas Estrelas.

STEFAN WUL, UM PULP EUROPEU

Marcello Simão Branco

Na terra consagrada a autores clássicos como Rousseau, Dumas, Proust e Sartre, entre outros igualmente ilustres, houve espaço também para a ficção científica. Sim, o nome facilmente lembrado é o de Julio Verne, um mestre da antecipação. Mas quero me referir a um autor pouco celebrado, talvez mesmo entre os franceses. Estou falando de um sujeito que nasceu com o nome de Pierre Pairault, mas que se popularizou entre os fãs europeus de ficção científica como Stefan Wul.

A minha primeira experiência literária com Wul foi uma das mais curiosas e marcantes. Para começar, nunca tinha ouvido falar ou lido qualquer coisa a respeito dele. Era janeiro de 1989, estava em férias em Joinville com minha família. De forma surpreendente descobri um sebo na cidade e lá tinha dezenas de livros da Coleção Argonauta, de Portugal. Comprei alguns e na viagem de volta a São Paulo, de forma aleatória, escolhi um livrinho despretensioso com o nome de *O Templo do Passado*.

Era um livro de Wul e o li de uma só sentada, durante as sete horas de viagem. Um enredo que abordava o destino de dois viajantes espaciais, que em visita a um planeta eram engolidos por um gigantesco monstro marinho, que era cultuado como um Deus por uma raça de lagartos inteligentes. Narrado em um ritmo ágil, com muita ação e suspense, além de imagens vívidas e coloridas, traz uma revelação em seu final, daquelas de 'cair o queixo', como se costuma dizer.

Stefan Wul morreu em 26 de novembro de 2003, aos 81 anos. Sua carreira literária foi curta e intensa: publicou 10 de seus 11 livros entre 1956 e 1959. Cirurgião dentista por profissão, Wul tinha uma imaginação poderosa, era um competente contador de histórias, no qual a aventura, as situações *pulp* e *sense of wonder* eram a tônica, rivalizando com o que de melhor fizeram os americanos nos anos 30 e 40 neste tipo de história.

A exemplo do norte-americano Robert Silverberg, Wul também é um escritor que teve uma produção impressionantemente concentrada em alguns anos e depois parou de produzir por vários anos. Em dois momentos posteriores o autor retornou ao campo. Primeiro em 1977, ao publicar o romance *Noo*. E, justificando sua inserção bissexta, reaparece no cenário vinte anos depois, em 1997, com a republicação inteira de sua obra, provavelmente para recuperá-lo entre leitores de uma nova geração e como uma espécie de reconhecimento de sua obra, no contexto da ficção de gênero francesa (e mesmo européia) contemporânea. Para se ter uma idéia de como Wul está circunscrito no continente europeu, apenas um livro seu foi publicado em inglês, justamente o que eu li, *Le Temple du Pase* (como *The Temple of the Past*, em 1973).

Duas de suas obras foram adaptadas para desenho animado na França. *Oms en Serie* (*O Mundo dos Draags*, em português da Argonauta), como *Fantastic Planet*, de 1973, e *L'Orphellin de Perdide* (*O Vagabundo das Estrelas* em português), como *Les Maitres du Temps*, em 1982, com desenhos de Moebius.

Nós que lemos língua portuguesa, contudo e de forma surpreendente, somos privilegiados, pois oito dos seus 11 livros foram publicados em nossa língua, por meio da Coleção Argonauta - ou seja, uma coleção portuguesa, dentro da Europa. São eles: *Regresso a Zero* (n.54), *Pré-História do Futuro* (56), *O Vagabundo das Estrelas* (60), *O Mundo dos Draags* (64), *Missão em Sidar* (72), *Degelo em 2157* (76), *O Templo do Passado* (85), *Armadilha em Zarkass* (90) e *O Império do Mutantes* (107) – também publicado como *A Cadeia das Sete*, pela editora brasileira Futurâmica n.4 –, que serviu de inspiração para o nome do grupo de rock brasileiro *Os Mutantes*, com Rita Lee, ao final dos anos 60.

O crítico francês Lorris Murail (1993), tentou explicar as razões que fizeram-no interromper sua carreira quando já se tornara um escritor de entretenimento conhecido em sua pátria. Stefan Wul era um autor que escrevia motivado por uma espécie de "impulso irresistível" e não no sentido de construir intencionalmente uma carreira ou pertencer a um gênero ou a uma corrente determinada. Assim, quando as idéias cessaram após a dezena de pequenos romances que escreveu em fins dos anos 50, ele se voltou para uma profissão "séria" e "segura".

Wul foi o típico autor popular esnobado por uma certa *inteligentsia* literária, que por ter qualidade, surpreende aos que o lêem e acaba sendo adotado por esta mesma elite como um autor cultuado. Mas antes disso – e fundamentalmente – , ele é um autor *pulp*, com as virtudes e limites inerentes a esta autêntica forma de expressão literária: uma literatura de entretenimento, recheada de boas idéias.

Desta forma, se em suas rondas por sebos, você por acaso encontrar livrinhos com capas coloridas, títulos chamativos e de autoria de um certo Stefan Wul, deixe suas prevenções de lado e experimente. Primeiro porque, afinal de contas, o livro deverá ser baratinho. E depois, e mais importante, aposto que você irá gostar, ou no mínimo se surpreender com um tipo de narrativa muito imaginativa, mesmo dentro dos padrões da ficção científica.

Livros de Stefan Wul

ANO	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO EM PORTUGUÊS	EDITORA/COLEÇÃO
1956	Retour à "O"	Regresso a Zero	Argonauta 54
		Regresso a "O"	Círculo dos Leitores 10
			Novaera 20
1957	Rayons pour Sidar	Missão em Sidar	Argonauta 72
	Niourk	Pré-História do Futuro	Argonauta 56
	Oms en Série	O Mundo dos Draags	Argonauta 64
		Cativeiro Humano	Tridente 5
	La Peur Gèante	Degelo em 2157	Argonauta 76
1958	Le Temple du Passé	O Templo do Passado	Argonauta 85
	L'orphelin de Perdide	O Vagabundo das Estrelas	Argonauta 60
	La Mort Vivante	O Império do Mutantes	Argonauta 107
		A Cadeia das Sete	Futurâmica 4
	Piège sur Zarkass	Armadilha em Zarkass	Argonauta 90
1959	Terminus 1	Inéditos	
	Odyssé sous Contrôle		
1977	Noô		

Referências:

BRANCO, Marcello Simão, ed. (2003). *Megalon*, ano XVI, n.70, dezembro.

JAKUBOWSKI, Maxim e CLUTE, John (1993). "Stefan Wul", *The Encyclopedia of Science Fiction*, John Clute e Peter Nicholls, orgs., St. Martin Press, New York.

MURAIL, Lorris (1993). *Le Maîtres de la Science-Fiction*, Bordas, Paris.

NASCIMENTO, R.C. (1985). *Quem É Quem na Ficção Científica – Vol. 1 – A Coleção Argonauta*. João Scortecci Editor, São Paulo.

NASCIMENTO, R. C. (1994). *Quem É Quem na Ficção Científica – Vol. 2: Catálogo de Ficção Científica em Língua Portuguesa: 1921-1993, Fascículo. 1: Autores/Títulos em Português*, Qanat – Fantasia e Ficção Científica.

NASCIMENTO, R.C. (1999). *Argonauta 500 – Edição Comemorativa*, Clube de Leitores de Ficção Científica e Qanat – Fantasia e Ficção Científica.

PLANOLÂNDIA: UM ROMANCE DE MUITAS DIMENSÕES

Resenha por Nelson Marques[1] e Bernardo Esteves[2]

Mas afinal de contas, quantas dimensões tem o universo? Uma, duas, três...

A Conrad Editora, de São Paulo, http://www.conradeditora.com.br, lançou em 2002 a tradução de um dos clássicos da ficção científica satírica, o romance *Flatland. A Romance of Many Dimensions*[3], do autor inglês Edwin A. Abbott (1838-1926). O livro de título *Planolândia: Um Romance de Muitas Dimensões*[4] foi traduzido por Leila de Souza Mendes, e teve o título em português mantido de forma bastante fiel ao original inglês.

O livro, ao que consta, teve pouquíssima repercussão nos meios literários e entre os aficionados pela ficção científica. Através de busca eletrônica em 2006, temos o registro de apenas três críticas literárias ao livro, ainda quando de seu lançamento. A primeira foi a de Marcelo Barbão, no *Digestivo Cultural* (http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=726), em 16 de setembro de 2002. Uma outra foi a de Carlos Orsi, na *Mídia Digital*, no "site" do jornal *O Estado de São Paulo* (http://www.estadao.com.br), em 26 de setembro de 2002. A terceira foi a de Fábio Fernandes no *Web Insider*, seção Tecnologia (http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/id/1484), de 22 de outubro de 2002. Salvo erro, nada mais, e depois delas, nada mais também, até 2005, quando comentamos o livro de Abbott (Nelson Marques e Bernardo Esteves, *Ciência Hoje On-Line*, http://cienciahoje.uol.com.br/3366, http://cienciahoje.uol.com.br/3371)[5]. Outros comentários surgiram depois da publicação desse artigo em revistas nacionais de divulgação científica.

Edwin Abbott foi um vitoriano clássico, de grande inteligência e "wit" e que fez muito sucesso à sua época como escritor, acadêmico, educador e teólogo. Sua formação escolar foi realizada no St. John's College, de Cambridge. Edwin teve um papel importante na educação escolar em Londres, de 1865 a 1889, quando foi "Headmaster of the City of London School". Foi o autor de um dos clássicos da gramática escolar inglesa, *Shakespearian Grammar*, de 1870. Nela ele defendia a importância do estudo da língua inglesa para todos os estudantes. Curiosamente, aos 51 anos, em 1889, ele afastou-se de todas as suas outras atividades, dedicando-se apenas à vida acadêmica, produzindo, a partir de então, outras obras, publicadas mais à frente (*Silanus, the Christian* e *Apologia: An Explanation and Defense*, ambos em 1907, *Message of the Son of Man*, em 1909 e *Light on the Gospel from an Ancient Poet (Odes of Solomon)*, em 1913.

Antes disso, no entanto, em 1884, ele escreveu *Flatland*, o romance para o qual estamos chamando a atenção aqui. O livro, em razão da sua história aparentemente muito bizarra, foi considerado, inicialmente, apenas uma obra de diversão para crianças e adolescentes. Apenas com o passar dos anos é que acabou sendo reconhecida como um magnífico trabalho de ficção científica, tão profética, quanto os trabalhos de Jules Verne e H. G. Wells.

Flatland (*Planolândia*) foi traduzido para muitas línguas e conta com dezenas de edições na Inglaterra e nos Estados Unidos. É uma mistura bem elaborada de matemática, geometria, crítica social e humor ferino e satírico, levando-nos a uma jornada a diferentes mundos (em diferentes dimensões físicas), dando-nos, no fim, uma visão diferente de nós mesmos.

Flatland, desde a sua publicação na Inglaterra, em 1884, permaneceu uma obra pouco conhecida, talvez por isso também pouco apreciada, mas, no entanto, é uma obra favorita e venerada, por alguns poucos iniciados. Por exemplo, o saudoso Carl Sagan que utilizou as idéias desenvolvidas no livro, em relação à representação das diferentes dimensões físicas, em um dos seus programas da série *Cosmos*.

Nesse sentido, sempre foi uma obra que permaneceu "underground" em suas diferentes épocas e locais de lançamento. Talvez tenha ficado "escondida" também por aqui, desde o seu lançamento em 2002, pelas mesmas razões, mesmo tendo um caráter profético. Isso porque, Abbott, trabalhando com formas geométricas e lugares bizarros, de uma, duas, três e até mesmo quatro dimensões, introduziu aspectos relacionados aos conceitos da relatividade e de hiperespaço, anos antes das propostas revolucionárias de Albert Einstein, em 1905.

A história de *Flatland* se desenvolve através da narração de seu personagem principal de nome "A. Square" (satiricamente, "Um Quadrado"), que, curiosamente, foi também o pseudônimo de Abbott na 1ª. edição do livro. Ele nasceu num mundo, a Planolândia, que é limitado a apenas duas dimensões, um mundo que é, inequivocamente, plano. Este mundo é habitado por uma hierarquia de formas

geométricas, que determinam uma ordem social, definida, rígida e conservadora, mas que, ainda assim, permite certas ascensões sociais dentro dela. É ele que apresenta ao leitor a organização social e política de seu país.

O prestígio social em Planolândia, relaciona-se ao número de lados e à regularidade de cada indivíduo, indo dos triângulos isósceles, que é a classe social mais baixa, aos círculos, a mais alta classe social (que seriam os polígonos de número infinito de lados). A classe média é formada por equiláteros, mais acima estão os quadrados, e mais acima ainda, estão os aristocratas, que pertencem à categoria dos polígonos regulares. Quanto mais lados tiverem, mais alta a classe social... Por outro lado, e não por acaso, visto à luz da época em que o livro foi escrito, as mulheres são apenas um segmento de reta, que pelo olhar dos "planolandeses", reduzem-se a um ponto (!). Por isso mesmo, elas podem causar sérios acidentes, como perfurar um transeunte distraído.

Através de uma viagem feita pelo Sr. Square a diferentes terras, semelhante nesse sentido às viagens de Gulliver, do Swfit, ele descreve os mundos da Pontolândia, um mundo sem dimensão, a Linhalândia, o mundo de uma única dimensão, a Espaçolândia, o mundo de três dimensões e anuncia, até mesmo, mundos com quatro, cinco, seis, ou mais dimensões!

O livro de Edwin Abbott, que é dividido em duas partes, "Este Mundo" e "Outros Mundos", é um material excelente para físicos, matemáticos, professores de ciências, de física e matemática e, obviamente, também para os leitores de ficção científica. No livro são abordadas ainda algumas questões práticas interessantes relacionadas à natureza da Planolândia, aos métodos de reconhecimento entre seus habitantes e entre as diversas categorias sociais. São discutidos também como os habitantes da Planolândia "vêm" a Linhalândia e a Pontolândia, e como o Sr. Square, especificamente, se vê desafiado a entender um mundo que não existe nos seus conceitos, quando recebe a visita de um "alienígena", vindo da Espaçolândia. Mais ainda, quando ele próprio visita a mesma Espaçolândia, levado, agora, numa viagem pelo visitante daquele outro mundo. O resultado disso tudo é que Square, na sua volta, se transforma num **visionário de mundos não-existentes** (pelo menos na mente dos habitantes da Planolândia). Mais do que isso, ele transforma-se literalmente num profeta, e, portanto, segregado ao propor uma "Teoria das Três Dimensões". Os diálogos da esfera com o quadrado empregam o método da analogia, muito usada atualmente para descrever figuras quadridimensionais e introduzir questões muito sérias relacionadas ao número de dimensões possíveis que existiriam no universo.

O livro permite uma leitura direta, quase que geométrica apenas, usando uma figura de linguagem, sendo extremamente interessante só por isso. Permite também, no entanto, vôos mais altos, sejam os de cunho social, em razão das críticas que Abbott faz da sociedade vitoriana, através da sua escrita ferina e satírica, ou de questões da física atual quando se pensa em dimensões além daquelas quatro que estamos habituados a pensar... (ver, por exemplo, os trabalhos de Rudy Rucker, Robin Le Poidevin e Clifford A. Pickover, relacionados nas "Notas").

Nesse sentido há algumas outras obras e trabalhos recentes que discutem ficcional ou cientificamente as questões relacionadas com as diferentes dimensões físicas[6,7,8], ou, particularmente, com a questão da possibilidade real de um universo de apenas duas dimensões, como o faz Edwin Abbott em *Planolândia*. Por exemplo, Marcelo Gleiser em uma de suas crônicas dominicais da *Folha de S. Paulo*, através de um diálogo entre pai e filho, introduz uma das questões básicas neste campo: "... Quer dizer que é possível que existam dimensões invisíveis para nós também, tão pequenas que não podemos explorá-las?...". Isso porque, um dos problemas de se falar em outras dimensões é o de como fazê-lo, pois, tanto a linguagem, quanto a experiência comuns falham, irremediavelmente. Usamos de forma corriqueira palavras (que embutem conceitos, logicamente) para dizer frente-atrás, direita-esquerda, acima-abaixo, diagonal (quando as direções básicas se combinam entre si). E outras "direções", além dessas? Não há, nem como nos referirmos a isso, se pensarmos nas 10 dimensões referidas por Gleiser na sua crônica de 04 de julho de 2004[9], ou por Michio Kaku e Robert O´Keefe[10], já lá se vão mais de 10 anos!

A publicação do livro de Edwin Abbott inspirou alguns outros trabalhos, na mesma época e posteriores também. Por exemplo, o livro de C. H. Hinton, o grande lógico americano, publicado em 1907, intitulado *An Episode of Flatland*[11]. Hinton também cria um planeta de duas dimensões apenas, chamado Astria. Mais próximo a nós, em 1965, foi publicado o livro *Sphereland*[12], de Dionys Berger, um físico holandês, onde pesquisadores de Planolândia (!) descobrem que o seu universo é plano, realmente, mas que também é curvo (!), ao medirem os ângulos de um enorme triângulo, cujos pontos só podem ser atingidos por uma espaçonave...

O próprio livro do Abbott, *Flatland*, tem uma edição comentada e anotada por Ian Stewart, chamada *The Annotated Flatland: A Romance of Many Dimensions*[13]. Ian Stewart escreveu por sua vez

um livro ao estilo de *Planolândia* chamado *Flatterland: Like Flatland Only More So*[14], onde apresenta conceitos contemporâneos como supercordas, espaço-tempo contínuo, buracos negros, etc...

Um quarto livro sobre os mundos de duas dimensões foi escrito por A. K. Dewdney. É dele também uma excelente introdução para a edição da Signet Classic, comemorativa dos 100 anos de publicação do livro de Abbott. O livro de Dewdney, *Planiverse*[15], trata do universo de duas dimensões e foi publicado em 1984, pela Picador, do Reino Unido. O livro parte das histórias anteriormente publicadas: há um grupo de estudantes de computação que contatam, de forma acidental, um mundo de duas dimensões, pretensamente o mesmo "Astria", descrito por Hinton no seu livro de 1907, mas onde seus habitantes dizem ser um mundo chamado "Arde". Ele avança a partir daí com idéias muito interessantes.

O trabalho de Dewdney, que é o grande especialista na discussão de um mundo de duas dimensões, foi escrito após a publicação de um artigo de divulgação sobre esse tema na revista *Scientific American*. O artigo foi escrito por Martin Gardner[16], em julho de 1980, e ele apresentava de forma mais "palatável" as idéias de Dewdney sobre a possível existência de um universo de apenas duas dimensões. A. K. Dewdney, tem trabalhado há anos com os conceitos básicos de mundos de duas dimensões e sistemas computacionais (curiosamente ele acabou ocupando o mesmo lugar de Gardner na *Scientific American*, depois que este se aposentou, em 1986, após mais de três décadas mantendo a coluna de "Mathematical Games" na revista). Outros autores trabalham de forma acadêmica com a idéia de três dimensões (Banchoff[17]), quatro (Rucker[7, 8], Le Poidevin[18]) e muitas mais (Kaku e O´Keefe[10] e Pickover[19]), apenas para citar alguns.

Por outro lado, naquele mesmo artigo de introdução ao livro de Abbott da Signet Classic, Dewdney levanta algumas das principais questões relacionadas à existência de um universo de duas dimensões, tema que lhe "caro" e que envolvem temas filosóficos e científicos. Entre eles: há alguma razão definida para que o nosso universo tenha três dimensões? Qual é a relação entre as leis de nosso universo e o fato de que ele existe? O universo deu origem às suas próprias leis, ou vice-versa? Quais são as reais possibilidades de desenhar um universo diferente deste em que estamos?

Algumas destas questões já são levantadas na história desenvolvida por Abbott no livro *Planolândia: Um Romance de Muitas Dimensões*. O narrador, Sr. Quadrado, repete o tempo todo, de forma obsessiva, que o movimento "... é para cima, não para os lados..." (o que chamamos, agora, de "perpendicular ao plano"), para tentar mostrar aos demais habitantes de Planolândia que existe um outro mundo com mais dimensões. Ele tenta, ainda, já no último capítulo do livro, difundir a "Teoria das Três Dimensões", depois de passar vários meses, completamente recluso, compondo um tratado sobre os mistérios das "Três Dimensões". Talvez tenhamos a mesma dificuldade lógica de entendimento se pensarmos, mesmo hoje em dia, em algo como "perpendicular ao universo em que vivemos". São dele as palavras que se seguem:

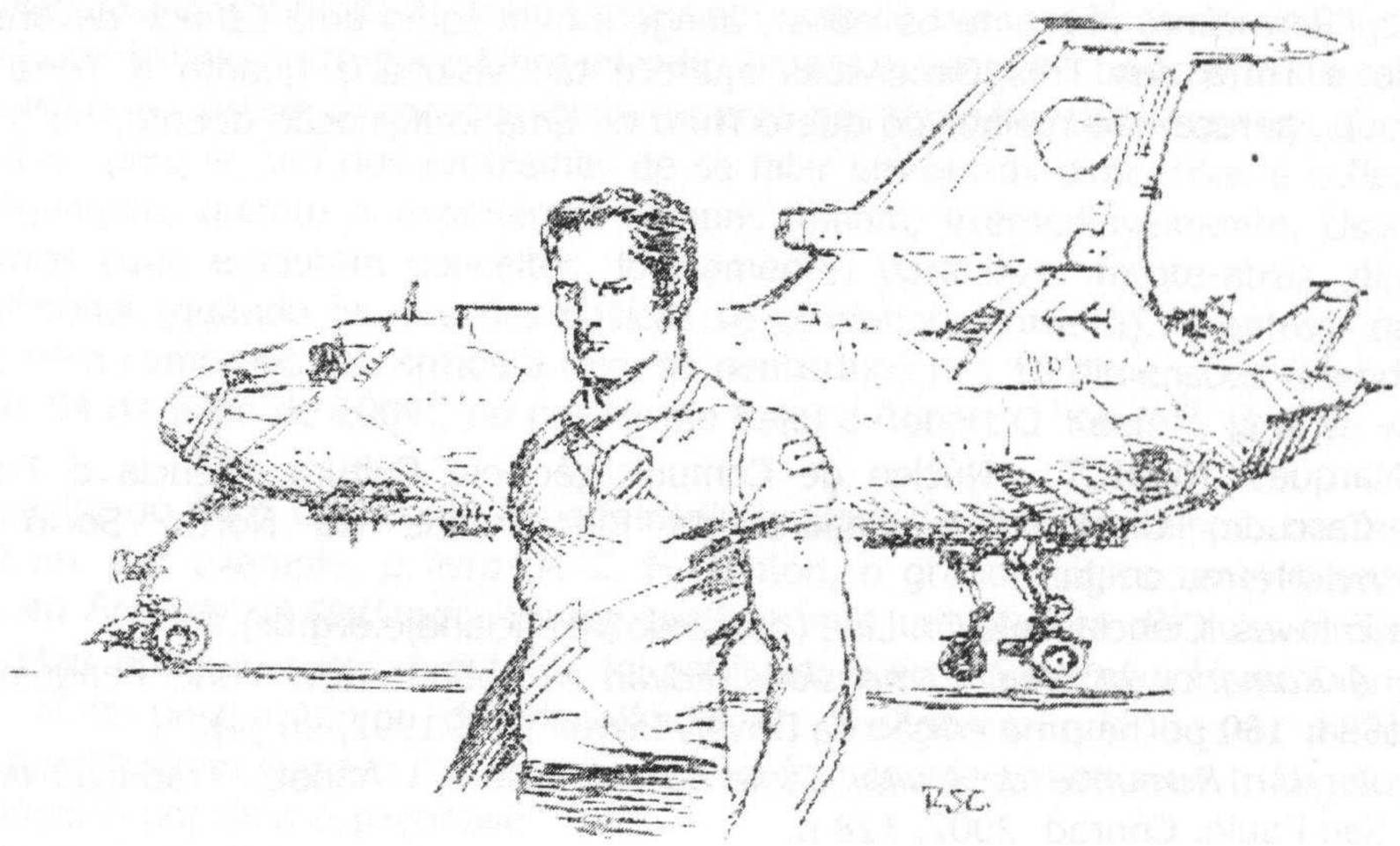
"... Esta é a esperança de meus mais brilhantes momentos. Mas nem sempre assim o foram. Um peso enorme sobre mim em certos momentos de reflexão que eu não posso honestamente dizer que eu seja confiante na forma exata daquele Cubo visto tão rapidamente; e nas minhas visões noturnas, aquela misteriosa voz, "Para cima, não para os lados", atinge a mim como uma Esfinge devoradora de almas... (...)... Quando a Terra das Três Dimensões aparece tão visionária quanto a Terra de Uma ou de Nenhuma... (...)... parece não melhor do que o fruto de uma imaginação doente, ou o tecido sem base de um sonho...".

Notas

1. Nelson Marques. NUDICT - Núcleo de Comunicação em Cultura, Ciência e Tecnologia, Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sócio CLFC no. 460 (marquesnel@terra.com.br).
2. Bernardo Esteves. Ciência Hoje On-Line (bernardo@cienciahoje.org.br).
3. *Flatland, A Romance of Many Dimensions*. Edwin A. Abbott. New York: Penguin Putnam. Signet Classic, 1984, 160 p. (há uma edição da Dover, Dover Trift, 1992, 96 p.).
4. *Planolândia: Um Romance de Muitas Dimensões*. Edwin A . Abbott. Tradução de Leila de Souza Mendes. São Paulo: Conrad. 2002, 128 p.
5. Marques, N. e Esteves, B. "Um romance de muitas dimensões, mas pouca penetração. Apesar de uma tradução recente, o clássico da ficção *Flatland* permanence pouco conhecido no Brasil" e

"Acerca de Flatland. Conheça outros livros que exploram alguns dos temas explorados no romance de Edwin Abbott". *Ciência Hoje On-Line*, em 23 de maio de 2005 (http://cienciahoje.uol.com.br/3366 e http://cienciahoje.uol.com.br/3371) (acesso em 27/1/2006).

6. *Spaceland: A Novel of the Fourth Dimension*. Rudy Rucker. Tor Books. 2003, 304 p.
7. *The Fourth Dimension*: *A Guided Tour of the Higher Universes*. Rudolph Rucker. Houghton Mifflin. 1985, 240 p.
8. *Geometry, Relativity and the Fourth Dimension*. Rudolf Rucker. Dover Publications. 1977, 133 p.
9. "As formigas, o grilo e as dimensões escondidas". Marcelo Gleiser. "Caderno Mais!", *Folha de S. Paulo*, domingo, 4 de julho de 2004, p. 8.
10. *Hyperspace: A Scientific Odyssey Through Parallel Universes, Time Warp, and the Tenth Dimension*. Michio Kaku e Robert O´Keefe. Oxford University Press. 1994, 384 p.
11. *Speculations on the Fourth Dimension: Selected Writings of C. H. Hinton*. Charles H. Hinton e Rudy Rucker (editor). Dover Publications. 1980, 204 p.
12. *Sphereland*. Dionys Burger. Barnes & Noble. 1983, 208 p. (há uma edição fac-simile desta, *Sphereland: A Fantasy About Curved Spaces and an Expanding Universe*, publicada pela Harper Collins; há uma edição conjunta, tipo dois-em-um, deste e de *Flatland*, *Flatland/Sphereland*. Edwin A. Abbott/Dionys Burger, com introdução de Isaac Asimov. Everyday Handbook, Harper Resource. 1994, 352 p.).
13. *The Annotated Flatland: A Romance of Many Dimensions*. Edwin A. Abbott e Ian Stewart. Perseus Publishing. 2001, 160 p.
14. *Flatterland: Like Flatland, Only More So*. Ian Stewart, Perseus Books Group. 2002, 320 p.
15. *Planiverse*. A. K. Dewdney. Simon & Schuster. 1984, 267 p. (há uma outra edição, *The Planiverse: Computer Contact with a Two-Dimensional World*, Copernicus Books. 2000, 245 p).
16. *The Last Recreations: Hydras, Eggs, and Other Mathematical Mystifications*. Martin Gardner. Copernicus Books. 1997, 392 p. (este é o 15° e último livro, segundo ele mesmo, e que contem os artigos da coluna "Mathematical Games" da Scientific American, escritos por Gardner entre 1956 e 1981; há uma tradução em português, *As Últimas Recreações. O Prazer da Matemática*, publicada pela Gradiva, 2002, 330 p.; em ambos pode-se encontrar o artigo original sobre um "planiverso" ("The wonders of a Planiverse", publicado em 1980, na revista Scientific American).
17. *Beyond the Third Dimension*: *Geometry, Computer Graphics, and Higher Dimensions*. Thomas F.Banchoff. Scientific American Library Series. 1990, 210 p.
18. *Travels in Four Dimensions*: *The Enigma of Space and Time*. Robin Le Poidevin. Oxford University Press. 2003, 250 p.
19. *Surfing Through Hyperspace: Understanding Higher Universes in Six Easy Lessons*. Clifford A. Pickover. Oxford University Press. 2001, 272 p.



O RASGÃO NO REAL: METALINGUAGEM E SIMULACROS NA NARRATIVA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Resenha por Roberto de Sousa Causo

O Rasgão no Real: Metalinguagem e Simulacros na Narrativa de Ficção Científica, Braulio Tavares. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005, 75 páginas. Ilustrado.

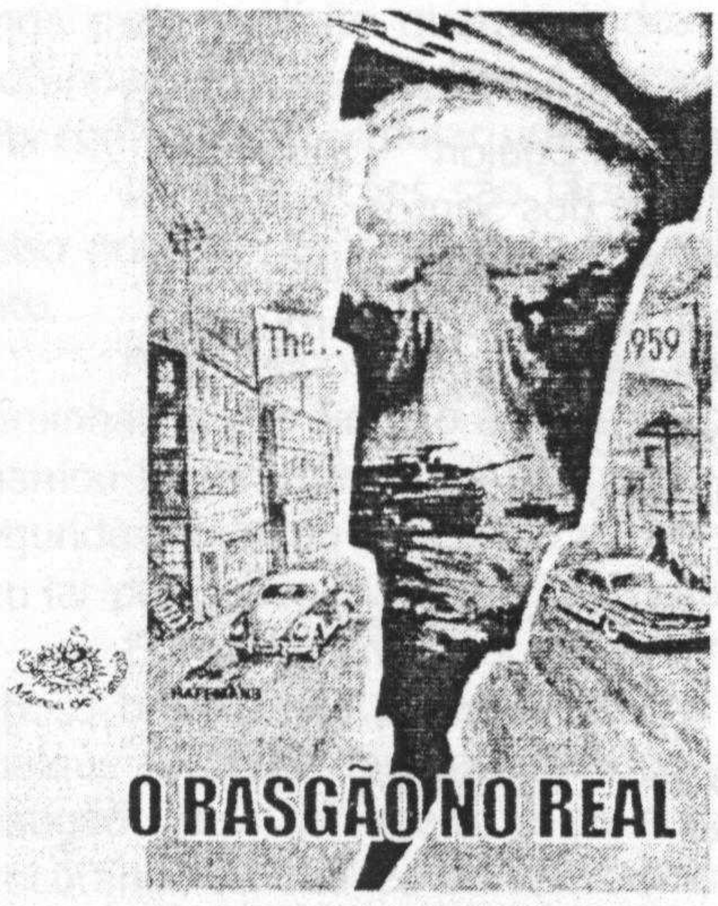
Neste que é o seu quarto livro de não-ficção (se não me engano), Braulio Tavares nos traz uma brilhante mas breve análise das questões presentes no subtítulo, enfatizando coerentemente a natureza metaficcional da FC e seu encontro com idéias que atacam a soberania do realismo na literatura, a partir da física quântica, contudo relacionando-as também com as tendências presentes da metaficção literária pós-modernista.

O livro, que surge exatamente vinte anos depois do seu popular *O que É Ficção Científica* (São Paulo: Brasiliense, 1985), consegue passar conceitos complexos com admirável clareza, associando-os à FC em particular, e à cultura científica do nosso tempo, apontando para uma confluência de abordagens da FC e do *mainstream* literário pós-modernista, em torno dos conceitos de metaficção e fabulação (*fabulation*). Nesse sentido, este trabalho é mais um passo na contínua abordagem crítica do autor, que vem "desde sempre" tentando tornar mais permeáveis as fronteiras entre a FC e o *mainstream* e outras formas de literatura fantástica — também, vale mencionar, por meio dos seus trabalhos de ficção.

O brilhantismo de Braulio aparece de forma despretensiosa e discreta, mas o tom é mais firme e menos coloquial do que em *O que É Ficção Científica* — o que configura uma qualidade neste caso em particular. Pode-se descordar de um ponto ou outro, ou mesmo da ênfase dada a esse tipo de exploração metaficcional — como descordei em minha carta no *Somnium* 93 —, mas não é possível descordar de que o autor dispõe muito bem dos seus argumentos e de que eles fazem avançar a compreensão que temos do gênero. Pena, mais uma vez, que ele não mencione nada de FC brasileira, embora existam exemplos muito claros de FCB metaficcional. Pena também que o texto não tenha recebido da editora um trabalho de diagramação mais profissional.

Segundo Braulio, "Este livro estava escrito há alguns anos — Moacyr Cirne tinha me encomendado, porque a *Revista Vozes* estava planejando um numero especial sobre FC, como um que saiu nos anos 70. Mas não rolou, e fiquei com o texto parado, aí surgiu essa chance com e editora do Henrique." Sobre os problemas editoriais, ele admite: "De fato tem uns pequenos problemas de editoração, quando eu coloco citações longas eu sempre prefiro usar um parágrafo recuado para a direita, fonte menor, e às vezes em itálico, para destacar bem. Vou ver se numa reimpressão a gente corrige."

Este título certamente vale ser conferido por todo fã e pesquisador de FC.



Os livros da Marca de Fantasia são publicados como impressão por demanda, em tiragens de 50 exemplares.

Para isso é preciso escrever à editora:

Rua Antonio Lira, 970/303
João Pessoa-PB, 58045-030

[contato@marcadefantasia.com.br]

[www.marcadefantasia.com.br]

"A ZONA ESCURA"

Rafaela Mathias

Quando Miguel Carqueija resenhou a Antologia Antares [ver Somnium nº 90], deixou de comentar seu próprio conto [A zona escura. Rio de Janeiro, RJ:1984] — segundo ele, "por razões óbvias". A lacuna agora é preenchida.

Mistério, intrigas, termos específicos de um universo onde viagens intergalácticas são possíveis, tudo isso expresso em uma linguagem eloqüente. Esses são os ingredientes de "A zona escura", conto em cinco páginas produzido por Miguel Carqueija. Conhecido pelo seu gosto por tramas fantásticas sobre o espaço, criaturas mágicas e futuros de tecnologias extraordinárias, neste Carqueija traz os relatos de um oficial, o Major Hickman, que em uma de suas viagens espaciais conhece, entre os tripulantes da nave, uma simpática e enigmática jovem de nome Jane Lourenço. E após Jane conquistar a estima dos companheiros na jornada, os tripulantes são surpreendidos com a presença de um agente da polícia de um planeta que, a mando de seu governo estava ali disfarçado com o intuito de prendê-la. A trama é então centrada nos motivos da ordem de prisão, e nos esforços para que tal ordem não seja executada.

As personagens, dentro do possível em um conto curto, são elaboradas. Com especial destaque para Valdo, tripulante de muita conversa e pouca inteligência que com seu linguajar grosseiro e atitudes reprováveis decerto instiga a repulsa do leitor envolvido pela trama. Igualmente interessante é Jane Lourenço que, embora na difícil situação que lhe é imposta, com acusações e a sentença de prisão, se mantém sem grande preocupação, despertando ainda mais a curiosidade para o desfecho da questão.

O conto agrada como uma leitura rápida. Mas, um olhar mais atento não deixará de notar que o potencial de desenvolvimento que ele possui é muito maior daquele que foi explorado. Em outras palavras, embora possua elementos-chave de vital importância para os bons contos, como a linguagem em que é escrita e as personagens interessantes, a ele faltam recursos como um bom desfecho (pois o que é apresentado em nada esclarece os mistérios gerados), ou até mesmo maior aproveitamento do enredo criado. Creio, é claro, que esse fato se esclareça ao observar que o conto data de mais de vinte anos atrás, sendo este possivelmente momento em que Carqueija aprimorava as técnicas e o dom que hoje são reconhecidos por críticos e público.

ANTOLOGIA ANTARES, Jane Terezinha Mondello de Souza, org.. Porto Alegre: Clube de Ficção Científica Antares, 1984, 145 páginas. Ilustrado.

Introdução	Jane Terezinha Mondello de Souza
Contos	
O Anti-Ser	Tereza Ariel [Maria Teresa Rodrigues]
Se os deuses voltarem	Claudio Oliveira Egalon
Jardim do silêncio	Adalberto José dos Santos
Uma semana na vida de Fernando Alonso Filho	Jorge Luiz Calife Coelho Neto
A zona escura	Miguel Francisco da Cruz Carqueija
A lenda	Claudio Oliveira Egalon
Lokii e seu Ragnarok	Gerson Lodi-Ribeiro
Sabe onde a cidade perdida fica	Cecy Fernandes de Assis
Encontro interplanetário	Elara Reis
O cometa	Adalberto José dos Santos

Capa:	Marcelo Fernandes de Oliveira e Adalberto José dos Santos
Ilustrações:	Adalberto José dos Santos e Nilton Saraiva
Revisão de texto:	Luciano Alves
Diagramação:	Jane Terezinha Mondello de Souza

CONTOS

DECOMPOSIÇÃO

Carlos Paraná

Lo! 'tis a gala night
Within the lonesome latter years!
An angel throng, bewinged, bedight
In veils, and drowned in tears,
Sit in a theatre, to see
A play of hopes and fears,
While the orchestra breathes fitfully
he music of the spheres.
Edgar Allan Poe

HA-HA-HA-HA-HA-HA

No momento em que o mostrador do rádio relógio em seu quarto indicou 5:55 da madrugada, Celso desistiu de tentar dormir. Havia outro na parede informando 5:45 e seus ponteiros soavam como uma jocosa gargalhada em seu ouvido. Simples movimentos mecânicos que tentavam, de maneira irritante, imitar vozes humanas.

HA-HA-HA-HA-HA-HA

Puxou violentamente o relógio digital da tomada, e quase o atirou contra o que estava na parede, pensando como chegou a odiá-los tão rapidamente. A verdade era que qualquer objeto que informasse a Celso que a hora de levantar encontrava-se próxima, seria alvo de sua antipatia e inimizade. Sempre fora alguém de hábitos vespertinos, e como tal, despertar, ou mesmo qualquer indício de despertar, era encarado como uma revoltante penitência. Este fora o presente deixado pelo inquilino anterior, que o esquecera de propósito, e agora se divertia à distância apenas imaginando a irritação que o piscar do mostrador causava ao novo inquilino. Levantou-se e checou as horas em seu relógio de pulso. Eram exatamente 6:10.

Pegou o papel sulfite colado na porta do armário, e o rasgou, sem ao menos verificar o que estava escrito. Ele sabia de sua função. A folha servira como um lembrete para o que aconteceria hoje de manhã.

Sua memória não havia se esquecido do compromisso e pensara continuamente na reunião que ocorreria daqui há pouco mais de duas horas, justamente em seu primeiro dia de trabalho nesta nova agência. Isso foi o suficiente para mantê-lo acordado por toda à noite, chafurdado em preocupações inúteis. Tinha convicção de que não pronunciaria nenhuma palavra, por não se interessar pelo assunto e também por fazer questão de não o conhecer. Nem mesmo se apresentaria aos novos colegas (escravos), a não ser que fosse persuadido a faze-lo. Possuía total vocação para anônimo, e isso se faria ainda mais explícito quando todos vissem as palavras sono e tédio, grafadas em sua retina. Desejou profundamente ficar em casa justamente em seu primeiro dia. Tudo era apenas questão de formular um álibi convincente. Simular uma doença, talvez? Não era má idéia.

Idéias e ações são tão distintas quanto água e poeira e como tal, esta aqui não durou muito. Celso policiou-se, lembrando do abismo que muitas vezes separa o que se quer e o que se pode ser feito.

Pelo menos a água não estava muito fria e o choque térmico foi tolerado ao lavar o rosto. Caminhando em direção à cozinha, o amanhecer pálido que o Sol ostentava através da janela de sua sala chamou-lhe a atenção. Aproximou-se da janela, e após admirar a vista através do vidro por alguns segundos, colocou-o de lado e concentrou sua visão no conjunto de prédios amarelos, que servia como seu lar por pouco mais de vinte horas.

Era um pombal, drasticamente diferente do que imaginara ser antes de conhecer a realidade. O reboco branco nas paredes dava a impressão de existir um sistema de artérias bombeando um fluído qualquer através das paredes dos apartamentos. À sua esquerda, encontrou o portão verde de metal, castigado pela ferrugem, e ao suspirar, emulou exatamente o que fez ao chegar ali no dia anterior, procurando as chaves do apartamento 42 no bolso de sua calça. De onde estava podia ouvir o quebrar das ondas, vindo da praia que ficava perto dali. Este fora o único gosto que teve dela, além da areia que poderia ser encontrada em praticamente todos os locais. Sobre a grama amarelada, nas calçadas e

entradas de cada bloco que conseguia ver. Os pobres zeladores deveriam se sentir realizando o truque circense dos pratos giratórios, ou enxugando um cubo de gelo.

Estava começando a tentar imaginar de onde vinha tamanha quantidade de areia, quando uma lufada de ar frio acertou seu rosto, o arrastando de volta a realidade. Fechou a janela e seguiu seu caminho para a cozinha.

Na saída de seu bloco encontrou o porteiro, a única pessoa que tinha visto até então. Um senhor alto e largo, de cabelos ruivos e pele sardenta. O homem ouvia música usando fone de ouvido, num som portátil que ficava do lado de fora de sua cabine. Acenou para ele, e o homem saiu de seu posto, retirando o fone da cabeça .

- Desculpe pelo volume, meus filhos sempre trocam o disco antes que eu venha trabalhar, e eu acabo esquecendo disso.

- Parece não se incomodar muito – disse Celso, esboçando um sorriso, que originou uma estranha dor em seu maxilar.

- Eu estou acostumado, acho. Como foi sua noite? A primeira num novo local é sempre estranha, não é? Ou caímos de sono, cansados pela viagem ou ficamos acordados, desacostumados com a cama, as novas cores das paredes, enfim, a nova atmosfera.

- Fico com a segunda opção, mas é uma questão de adaptação.

- Certamente, adaptação é a clave. Melhor dizendo, a chave – replicou o homem ruivo, com o mais amarelo dos sorrisos.

Celso estranhou a ênfase que o homem ruivo implicou na última palavra. Ia perguntar a ele algo sobre a areia, mas não pôde dedicar-lhe muita atenção, ou continuar a conversa, pois o relógio no som portátil lembrou-lhe que ele estava atrasado.

As pessoas ali tinham um tipo de educação singular, pois a maioria delas o cumprimentou pelo caminho. Estava começando a gostar dali. Outro fato que o agradou foi a curta distância entre sua casa e o banco, o que lhe permitiu caminhar, mesmo estando atrasado. Nunca se sentira confortável dentro de um ônibus, e achava realmente muito curioso o fato de dezenas de pessoas deixarem-se conduzir por um desconhecido, que por sua vez operava uma máquina pouco confiável, que fora construída por alguém muito menos conhecido. Preferia guiar-se por si mesmo.

Quando chegou, a reunião já havia começado e, sinceramente ele nem mesmo tinha certeza do horário que ela iria se iniciar. Agora que viu o horário correto no quadro, soube que chegaria atrasado de qualquer maneira. O gerente geral não pausou seu discurso para que Celso se apresentasse, o que fez sentir-se um pouco melhor. Sentou-se ao lado de uma mulher de cabelos longos. Tanto ela quanto a maioria dos funcionários sorriram ao lhe ver. Esta tentativa de boas vindas através de gestos não o convenceu, pois se tratavam de sorrisos muito largos; claros sinais de demência.

O que fora dito na reunião não era surpresa ou novidade para Celso e certamente para ninguém ali. Ele ouvia a retórica do gerente sem prestar nenhuma atenção nas palavras. Deixava-as irem e virem e as desprezava. Após olhar para Celso por alguns minutos, a mulher de cabelos longos dirigiu-lhe a palavra através de sussurros, para não atrair a atenção dos outros.

- Transferido de onde? - ela lhe perguntou.

Celso não teve tempo de responder, pois um simples gesto de repreensão do gerente foi o necessário para que eles se calassem e ninguém mais tentasse iniciar conversas paralelas. No final da reunião, um de seus novos colegas, lhe designou seu novo local de trabalho. Rangel fora um daqueles colegas que não sorriu tão exageradamente ao lhe ver.

- Por enquanto você vai ficar no suporte, Celso - para balancear sua lucidez, sua voz possuía uma entonação particularmente irritante.

Não vira nenhum dos dois durante o dia e questionou se eles realmente permaneceram na agência. Na realidade não teria possibilidade de ver muitas coisas além do gerente do setor e dos caracteres verdes, que pairavam como minúsculos espectros, inseridos e deletados no fundo preto do monitor. O setor de suporte era o perfeito local para o anônimo e, se constituía de um série de serviços burocráticos, não havendo contato com os clientes. Para Celso, não poderia haver local mais adequado. Teve muito tempo para analisar seu ambiente de trabalho, decifrando os hieróglifos talhados por algum estilete em sua mesa de madeira, e esforçando-se para tentar enxergar através do vitrô, que em troca lhe negava qualquer visão do lado de fora. As poucas ligações transferidas para o setor foram atendidas pelo gerente, que agarrou o aparelho antes do sinal sonoro, como se o sinal ressoasse em seu corpo antes de atingir o aparelho. Outro fato agradável era o seu gerente ser tão calado quanto ele. Mas, não parecia tratar-se de pura introspecção naquele caso. Seu olhar era compenetrado e concentrado, dando a impressão de que executava um importante tarefa mental, que exigia toda concentração. Celso

percebia isso até mesmo nos momentos em que o gerente não fazia absolutamente nada (a grande parcela do tempo). Não sentiu fome durante o expediente, mas o sono quase o derrotou em diversas ocasiões.

Foi embora pontualmente seis horas após ter chegado e, na saída ninguém se despediu dele. A cordialidade deles era totalmente dispensável, mas os olhares possuíam algo como uma curiosidade mesclada com raiva, do mesmo modo que adversários em desvantagem analisam o próximo movimento do oponente. Riu em silêncio, de suas convicções paranóicas, que tinham sido o bastante para aquele dia. Na saída, percebeu Rangel, que verificava algo em uma impressora, encontrando-se de costas para Celso. Quando este se aproximou, Rangel lhe dirigiu a palavra sem ao menos lhe lança um olhar:

- Até amanhã, Celso - a tonalidade anterior parecia ter sumido, e agora sua voz parecia indicar exaustão.

- Como você...

- Me viu? - Rangel completou a frase - Pensamentos são impulsos dos neurônios, que por sua vez são impulsos elétricos...-. Ele ostentava um sorriso estreito que não podia ser visto. Celso se afastou, deixando-o explicando o "fenômeno" aos espelhos da entrada do banco.

Livre das jaulas, era o fim do cárcere corporativo para Celso, pelo menos por aquele dia. Mais uma vez em que saía do nada e dirigia-se ansioso para lugar nenhum.

O retorno para casa não fora simples como a ida para o banco. As ruas em que caminhava pareciam conter um quantidade maior de casas, preenchendo lacunas pelas quais anteriormente era possível enxergar outras ruas quando esteve ali pela manhã. Em outras ruas ocorria o oposto, elas eram quase ausentes, as poucas restantes suprimidas do local onde se encontravam. A simples e trivial caminhada parecia ter mutado para uma labiríntica jornada, onde bifurcações nasciam e morriam a cada passo dado adiante, ruas retas, transformaram-se em sucessões de curvas sinuosas, que caso fossem seguidas, o trariam de volta para o ponto de origem. Celso sentiu-se à deriva, e a insegurança era tão potente que, Celso nem mesmo cogitara perguntar algo aos transeuntes. Ele acabou sucumbindo a desorientação, ignorando onde estava, para onde ia, concentrando-se apenas em caminhar. As pernas nunca parariam de se mover, pois ao deixar de andar, o senso de deslocamento tornava-se muito maior.

Deve ser desta maneira que nascem os andarilhos, esta deve ser a gênese de todos eles. Os labirintos os engolem.

O labirinto parecia ter-se enjoado de Celso e o cuspiu, pois, ao deparar-se com uma rua de aspecto tão trivial e nulo como qualquer outra, algo o atraiu. A trivialidade era falsa, pois existia algo de exclusivo ali, algo a se seguir. Enfim, alguma direção. Seguiu até uma esquina que, de algum modo o fez perceber que não se tratava de uma réplica, como as outras. A outra rua era uma estrada de terra batida. Ali havia um círculo de homens que parecia molestar um animal. Mesmo à distância, utilizou uma mínima dose de atenção para perceber que aquele animal também era um homem.

Satisfez-se em assistir a perturbação de onde se encontrava, não se moveu um milímetro em direção ao local exato da punição. Dali era possível analisar e ainda assim, ter uma distância segura, caso sua curiosidade não fosse bem aceita. Contudo, eles nem mesmo fizeram menção de o terem notado. O alvo era fixo, e a meta era a inexorável punição. Que espécie de crime o homem teria cometido? Qual seria o nível de gravidade da sua falta? Este parecia ser o fato de menor importância para os executores. Nesta ocasião, o crime parecia secundário, mas a sentença devia ser metódica e aplicada com paixão. Não importava o peso do crime e sim a dimensão da punição.

As súplicas da vítima foram ouvidas por Celso num instante em que ocorreu uma pausa na punição. As palavras dele eram um simples poema, uma rima tola e infantil, certamente criada por acaso devido à confusão de seus pensamentos. "Não me é permitido ver, tampouco ouvir, deixe-me respirar, deixem-me ir". Como réplica a esta solicitação, eles gritaram de um modo tão inumano que facilmente seria confundido com grunhidos de algum animal selvagem, se quem os ouvisse não os pudesse ver. E imediatamente recomeçaram sua tarefa, com renovada dose de avidez e fúria cega. Um deles se afasta do círculo, permanecendo ao lado, como um satélite solitário, o que permitiu a Celso observar os olhos do condenado e a forma do seu rosto. Seus dentes manchados de sangue, as várias escoriações, o faziam se assemelhar a um silvícola preparado para algum ritual. Ele é puxado pelo cabelo, forçado a olhar para cima e ouvir as palavras de seus executores. "Redenção negada".

A agonia era a imagem no rosto do homem, através da qual ele tentava transmitir algum sinal, mas sem dúvida este intérprete não era Celso, que se afastou da cena, caminhando para trás, estranhamente queimando por dentro. Mas tratava-se de um fogo pálido e desprovido de vigor. O fogo do homem da metrópole, que se extingue assim que ele se distancia do combustível que alimenta sua chama.

Certamente devia ter sonhado com os executores e seus grunhidos, a vítima e os símbolos em seu rosto, mas a convicção não o ajudou a se recordar. O que sua memória tentava recuperar persistentemente era um som vago e quase insignificante, que também deve ter infiltrado seu sono, germinando lentamente. Este minúsculo ruído parecia ter valor inestimável para a sua memória, que tentava a todo custo resgatá-lo, independente da vontade de Celso. Tinha certeza também, de que a fonte não vinha de sua casa, embora seus sentidos estivessem levemente confusos por ter acabado de despertar. Levantou-se rápido, como se fugisse da persistência de sua memória, indo ao chuveiro. A tentativa em alcançar o pequeno ruído cessou nestes momentos, o que lhe deu tempo para raciocinar e tentar imaginar de onde viera tal fixação. Diversas possibilidades emergiram, mas nenhuma foi convincente o bastante para que ele pudesse se agarrar.

A resposta veio quando ele esbarrou em outro dos presentes deixados pelo inquilino anterior; uma caixa repleta de alfinetes. Este incidente ativou sua memória do modo correto. O som originara-se do seu sono e apenas aguardava uma maneira de ser exteriorizado. Cada um dos objetos de metal emitiram o mesmo som, de maneira amplificada e auxiliados por um irritante eco. Quando atingiram o chão e ali permaneceram, o ruído recusava-se a findar, perpetuando-se exaustivamente, como se as agulhas ricocheteassem, ignorando a gravidade.

Ele foi sua companhia por praticamente todo dia, e muitas vezes confundiam os outros sentidos, cancelando-os por alguns segundos, e quando alguém lhe dirigia a palavra durante aquele estado, Celso não respondia, por estar incerto de como as palavras soariam ao ouvidor, já que ele mesmo não as compreendia. A maioria dos rostos lhe eram estranhos, tanto os que vira ontem quanto os vários novos que apareceram. A possibilidade de catarse era nula, pois o que adiantaria gritar perante aquela condição?

Ao digitar, quando bocejava, tudo era uma repetição das agulhas dançando e por diversas vezes supervisionou o chão, procurando por elas, no fundo sabendo que não havia nada para se olhar ali. Seu olhar era desfocado, desprovido de direção, e não se focalizava em coisa alguma. "Algum problema?" , uns lhe perguntaram. "Todos", ele responderia se não estivesse sobre aquela vil influência, se ele ao menos conhecesse a arte perdida de ler os lábios. Falhou em perceber que o gerente o dispensou, desfalecendo enquanto era levado para o hospital da cidade.

***

Cerca de duas semanas depois.

Este é um mundo de sons, dos quais pouco desfrutamos, Celso pensava nisso exaustivamente, e sua intuição dava-lhe total certeza de que era o único a dedicar atenção total a eles, o único a desfrutar de sua plenitude. A contagem de cédulas nos caixas automáticos, a porta giratória empurrada continuamente, o amassar dos papéis .Eram melodias que vinham até ele. Celso tornara-se um receptor de todo e qualquer som, por isso o emprego teve de ser abandonado. As agulhas não o incomodavam mais, pois aquilo fora uma simples questão de conciliar os sons que recebia. Nuvens que se chocavam, lágrimas que escapavam de vários olhos, e até mesmo quando os raios solares atingiam tudo ao redor. Sinfonias individuais, que eram executadas simultaneamente, em diversos tempos, e mesmo assim, não eram caóticas, ao contrário do que se possa imaginar. Era um deleite sentir o gosto dos sons, saboreá-los, inalar seus aromas ácidos e penetrantes, formas que os olhos não viam, e que agora tornaram-se cristalinas ao extremo.

Era necessário uma total abstinência dos outros sentidos, para que os sons fossem absorvidos. Os sons inseridos dentro de qualquer coisa. Viva ou morta, visível ou invisível, estática ou frenética. Algumas destas melodias adormeciam seus braços e pernas, como se o houvessem colocado em completo transe, cancelavam seus movimentos, revelando tesouros sonoros, derrubando muros de ignorância, de nulidade auditiva que o cercava, e que ele anteriormente insistia em chamar de audição. Apenas agora ela havia acordado.

Sentado no chão da sala, vozes ignoradas dentro de tantas mentes encontravam seu caminho até ele. Memórias alheias, recordações infantis, sem nenhum indício de caos, mesmo em completa dissonância. Não há desordem na melodia. Jamais.

Tornara-se impossível dedicar sua atenção a qualquer outra atividade infrutífera. O telefone tocava insistentemente, e seu toque prolongava-se, alcançando variações que antes não podiam ser imaginadas. O calor escaldante não o incomodou, o manteve alerta, em total abstinência do sono. Nem mesmo se alimentava, pois os sons lhe nutriam de alguma forma. Tudo era secundário. Tudo que não fosse sonoro, não era capaz de elevar o indivíduo. A visão não era mais seu órgão principal, cedendo sua

importância a seu verdadeiro merecedor. E mesmo sob uma sucessão de sensações orgásmicas, sentiu que aquilo não o satisfazia, e ele deveria tentar alcançar um lugar mais alto. Precisava selecionar um som e dar-lhe exclusividade, identificar sua origem e seguí-la. E se colidisse com os sons, ao invés de atraí-los? Estremeceu ao imaginar o impacto de um som em sua total velocidade, o atingindo.

Esta fora a pergunta que fizera por todo aquele dia e acabou decidindo pela colisão. A experiência seria milhares de vezes mais intensa. Era apenas questão de selecionar o som minuciosamente.

Saiu de casa e caminhou a esmo, para onde o som mais belo se encontrasse, agarrando-se a ele com avidez, algo como pura e infantil glutonice. Havia luz e calor mas o Sol não estava lá, ele havia sido encoberto pelas nuvens. Alguém em algum lugar, que contemplava o Sol também, imaginou que aquele era um imenso Sol branco, uma estrela branca e incandescente. Todo este devaneio o atingiu como notas de uma sinfonia, e agora elas não escapariam de seus domínios. Era uma comunhão, uma união, que seria insípida, se realizada com qualquer outra pessoa. Eram todos incapazes e inúteis, porém, se eles não existissem não haveria as paisagens das quais extraía o seu infinito prazer.

Siga o som, explore, ele dizia a si mesmo, e o caminho o levou a uma rua deserta, estéril, que não possuía nenhum atrativo exceto uma pequena e única casa, que era falsamente calma, falsamente tranquila, falsamente amigável. Ficava no final de um extenso terreno coberto por areia molhada. Alguém tentara esconder seu verdadeiro aspecto, pois ela parecia ter sido recentemente pintada.

Quando a alcançou e abriu a porta, as dimensões que imaginara a vendo pelo lado de fora foram eliminadas, pois em seu interior ela era imensa como um anfiteatro, possuindo dimensões totalmente impossíveis de existir dentro daquela pequena casa, que deveria ter no máximo quatro cômodos. Uma orquestra executava uma sinfonia e nela, todos os instrumentos imagináveis eram necessários. Barítonos, pianos, violões, acordeons, violinos, infinidades de instrumentos percursivos, cravos, violoncelos, metais e harpas. Todos eles eram etéreos, possuíam substância nula, fantasmagórica. Instrumentos que pareciam causar dissonância se executados juntos, possuíam harmonia infalível, pairando no ar e desprezando seus instrumentistas. Perfeitos em sua performance, nenhuma nota era executada erroneamente. Tudo fluía, natural e deliciosamente. Aquele era algo próximo ao clímax, o ápice de tudo que tentava encontrar. Nada podia se comparar àquela sinfonia, que parecia conter todos os sons que ouvira antes, e milhares de outro recém descobertos.

Estes instrumentos muitas vezes não emitiam seus sons característicos. Eles se reinventavam, chamavam sua atenção, variando-se em impossíveis ritmos, harmonias e melodias, com a única intenção de maravilhá-lo. Excitando-o, criando pequenas descargas que dilatavam as veias em seu cérebro, mas não causando nenhum mal. Todas as regras transgredidas, e nenhum arrependimento. Uma dádiva que Celso trocaria por sua própria existência. Sim, abdicaria sua própria existência, por um milésimo daquele som, que continha tudo. A luz, a substância, a forma, o significado, a origem. Antes da luz, existiu o som, e se por algum modo ele o faltasse, não valeria a pena seguir em frente.

- Olhe para mim! - uma voz feminina esbravejou.

- Concentre seu olhos em mim! - ela continuou, irritada como uma criança contrariada.

- Isto é a minha composição, ela jamais lhe pertencerá, e estou certa de que você a usufrui sem ao menos a entender. Esta foi a minha obra mais ambiciosa, a única tarefa a qual minha vida fora destinada. Eu não teria função, se mantivesse tudo dentro de mim - A voz conseguia alcançá-lo sem interromper a música - Eu tentei realizar o que ninguém ousou antes, transformar algo unidimensional, em algo com forma e substância. Então eu me isolei aqui e criei o que você vê. Sim, o que você vê. A cidade, seus habitantes, anseios, pensamentos e atos. Eu os criei por puro virtuosismo, pois ninguém além de mim, conhece o real significado dos sons. Você não passa de um intruso, um solitário, e eu o trouxe até aqui, lhe maravilhando com pequenos trechos de minha obra. Você não pertence a ela, e nem mesmo a merece. E para outros como você, eu crio algo particularmente especial. Eu os delicio com o silêncio. Algo que você sempre mereceu. É isso que vocês recebem, quando tentarem galgar novas sensações. Sentidos dentro de um outro sentido. Eu os lembro que toda, música, por mais agradável que seja, possui uma inevitável decepção. Ela sempre termina., cedo ou tarde, felizmente ou infelizmente. O silêncio sempre retorna, o mundano e desastroso silêncio, o verdadeiro imperador dos sons. E você provará a degradação que ele traz.

Todos os instrumentos desabam no chão do anfiteatro, como se abandonados por seus instrumentistas, ganhando substância que antes lhe fora negada. Milhares de pequenos sons frívolos são emitidos, em decorrência de suas quedas. Alguns frágeis se quebram, outros continuam intactos, mas todos tornam-se disfuncionais.

Não existia mais nada que pudesse o interessar, nada que o mantivesse ali, a adolescente sentada de costas numa cadeira no final do anfiteatro não poderia ajudá-lo. Ele deveria retornar para casa, a única coisa sensata a fazer

***

Na saída o céu brincava com seu olhos, e eram necessários poucos minutos para que anoitecesse, logo depois amanhecendo. Um grotesco e confuso espetáculo, que transformava o trivial em estranho, o normal em anormal. O asfalto naquela rua deserta fora o primeiro sinal da degradação. Encontrava-se totalmente trincado, transformando-se numa frágil pista de vidro. Suas rachaduras se alongavam, se expandiam.

Em casa, a areia havia invadido todo o chão tornando impossível observar o piso de madeira. Em meio ao dia e a noite que mudavam de posição em polvorosa, ele percebeu que se tratava de um tipo peculiar de areia. De cor azulada. Correu para o banheiro, precisava se desvincular de tudo aquilo, deixar a água levar embora o que antes perseguia, e o trazer para a paz novamente.

A água não realizou tal tarefa, mas mesmo assim, Celso permaneceu ali, até que desistiu de esperar pela purificação através da água e andou pelo apartamento aparentemente sem direção, até que a janela o atraiu outra vez, como há algumas manhãs atrás. Além do espetáculo no céu, uma mulher caminhava de mãos dadas a duas crianças. Nenhuma das três demonstrara qualquer curiosidade pelo céu. Caminhavam indiferentes a inabaláveis, o que lhe causou profunda inveja. As crianças pulavam, parecendo-se divertir com a caminhada, em suas roupas claras e sua jovial altivez.

Algo parecia se alterar, e certamente o fez quando o céu branco reapareceu entre uma das mudanças entre o dia e a noite. Apenas um dos garotos acompanhava a mãe. Os dois olhavam fixamente para o que parecia ser um monte de vidro moído, que não estava ali no dia anterior. Se eles estivessem mais próximos, Celso poderia perceber que seus rostos eram dominados por uma rara espécie de tristeza, da qual ele nunca havia presenciado anteriormente.

No próximo movimento do céu, apenas a mãe permanecia em pé. A outra criança estava agachada sobre o que pareciam ser os restos de seu irmão, chorando. A mulher adulta alternara momentos em que olhava fixamente para o sofrimento da criança e outros em que cobria o rosto com as mãos, não tolerando a visão, consciente de sua impotência em alterar aquela situação. Consciente de que o fim é um tsunami, incapaz de ser interrompido pela vontade. E quando a noite retornou, Celso se afastou, certo de que a mulher que agora olhava para ele, também se juntaria aos outros dois, e convicto de que não queria assistir nenhuma exibição.

O único refúgio que encontrou fora seu quarto, e para reforçar seu aspeto protetor, era o único lugar que encontrava-se totalmente livre da areia. Sentou-se na cama e olhou fixamente para o espelho, demonstrando uma incomum fixação por seu reflexo. Parecia esperar que ele lhe revelasse alguma mudança em seu rosto, ou que lhe fornecesse alguma resposta. Mas tudo o que ele recebeu foi ódio. O reflexo o condenava por ter seguido o som, deixando-se fascinar tão facilmente. Em contrapartida ele o odiava, por não ter feito nada para impedir aquela trágica devoção. Eram dois infelizes.

Num súbito e inesperado movimento, Celso atirou o rádio relógio em direção ao seu algoz, demonstrando a ele de maneira dolorosa, que era ele que possuía o controle. Mas, quando atingiu o espelho, este rachou-se sem emitir nenhum ruído, iniciando uma reação em cadeia, onde tudo ao redor seguia seu caminho, como se fossem feitos de nada além de vidro barato. Mas isto não se limitou ao seu quarto, ou a aquele prédio e seus habitantes. O céu também parecia ter se exaurido após a sucessão veloz de dias e noites. Logo as estrelas se cristalizariam, se estilhaçando em milhares de fragmentos. O Sol se tornaria oco e insípido, reduzido a uma fria e gigantesca esfera.

Não era uma cidade. Aquilo jamais fora uma cidade. Era um delírio composto por sons. Enquanto a sinfonia era executada, era permitido ao resto existir. Celso descobriu tardiamente que tudo era artificial. Quando os instrumentos tocaram sua última e dissonante nota ao desabar, desencadeou-se o pandemônio. E agora que a nota terminou de ressoar e a desintegração tornou-se iminente, nascera o faminto e inescapável silêncio. E o silêncio deu luz ao nada.

Que não é a simples escuridão, que nos poupa de visões indesejadas ou oculta aquilo que estamos ansiosos por ver. Tampouco é a luz, que nos confunde e ofusca com a sua falsa sensação de santidade. As vagas impressões que ele possuía a respeito do nada não lhe foram de nenhuma utilidade. Mas, logo ele saberia, breve ele o conheceria em toda a sua plenitude. Assim que as patéticas cortinas da realidade terminassem de despencar.

ZIMBÓRIO DO NOVO HOMEM

Ivan Carlos Regina

Não tínhamos a mínima idéia, quando começamos, de que este Projeto pudesse andar tão rápido, como de fato aconteceu.

Como todos sabem, o idealizador inicial de tudo foi o Prof. McGregor, irlandês de origem, mas na ocasião trabalhando para o Royal College, em Londres.

A idéia nasceu de um grupo de discussão acadêmico da Internet, uma vez que os fundadores eram todos professores em universidades ao redor do mundo.

Tive a honra de ser convidado pelo Professor entre a primeira leva de colaboradores para executar a concepção básica do Projeto ; isto é um fato do qual muito me orgulho , bem como também reparto com todos os brasileiros da área de pesquisa aplicada.

Minha contribuição foi na área de botânica, mas o rol de especialistas era evidentemente muito amplo. As discussões na rede envolveram inicialmente mais de uma centena de pessoas, de forma restrita, e além de nós, havia também predominância de religiosos e ambientalistas.

Duraram cerca de um ano as acaloradas discussões desta autocracia acadêmica , se assim pudermos chamar a este grupo seleto ; pouco ajudei até então, porque os aspectos filosóficos, sociais e religiosos, como já disse, prevaleciam até então.

Enfim chegamos a um consenso : que o "homo sapiens sapiens" havia se deteriorado, e, se por um lado as condições materiais de parte da humanidade estava sempre melhorando, isto se dera mercê de um sacrifício ético, de um aviltamento das relações intra espécie e da progressiva destruição dos valores morais da maioria dos seres humanos.

Esta não era e não é , como alguns podem pensar, uma visão pessimista ; antes, realista, pois passível de correção. Somos cientistas, e quando uma parte está doente deve ser medicado o todo, dentro da visão holística que estabelecemos como princípio.

Um historiador canadense afirmou inclusive que a humanidade havia sido extinta no século VII D.C., vítima de uma invasão alienígena que substituíra todos os seres humanos, então vivos, por simulacros virtuais, e que não passávamos de memórias esparsas rodando dentro de um mega computador em qualquer parte da galáxia. Como esta idéia não pôde ser comprovada por meios científicos, não foi aceita como verdadeira, embora não contrariasse a assertiva inicial que chegamos através de um longo e desgastante processo de pensamento coletivo.

A chegada do Prof. Starkey, norte americano, foi importante, porque além de um químico reputado a nível mundial, ele contribuiu com os recursos iniciais para desenvolvimento da fase subsequente do Projeto.

Resolvemos nesta ocasião dar uma certa formalidade ao nosso arcabouço institucional, para definir um pouco melhor as responsabilidades de coordenação e passarmos, tão logo fosse possível, da discussão para a prática. Fundamos uma organização não governamental "ONG" com sede em Genebra, constituída por cerca de cem professores multidisciplinares, residentes pelo mundo afora. Fui eleito então como segundo secretário. Aqui na América do Sul, além de mim, também participaram o Prof. Felgaer, da Argentina e o Prof. Fillaboa da Universidade Católica de Santiago.

A comunicação da degradação do meio ambiente, depois da conferencia de Kyoto, não surpreendia mais ninguém, uma vez que a própria Nações Unidas já se convencera dos malefícios que o homem vem causando ao nosso planeta.

O inusitado em nossa tese, porém, era a constatação de que o homem era o agressor, e, sendo assim, devia se dar uma nova chance para um novo homem. Este axioma cristalino foi comunicado aos chefes de Estado de quase todos os países, aos líderes políticos e religiosos, às universidades, aos filósofos, enfim, fizemos uma ampla divulgação mundo afora, evidentemente sem nenhum resultado.

O grupo estratégico do Projeto já havia avisado de que qualquer tentativa de convencimento seria em vão ; equivaleria a persuadir a alcatéia que os carneiros estavam em perigo de extinção e que daqui para frente os lobos deveriam alegremente passar a alimentar-se com alface.

Sem embargo, importantes adesões foram obtidas por este processo de propaganda seletiva ; como todo dorso tem um verso, arranjamos inimigos na mesma proporção.

A continuidade lógica do fluxo de pensamento que se instaurou com a debilidade crescente do homem levou à tentativa de sua substituição. Durante seis meses novos e acalorados debates começaram ; os pedagogos voltaram a discutir o velho mote : o homem é fruto do meio ou o estabelece ? Os filósofos, alvoroçados, empilhavam idéias no ar ; os antropólogos citavam teses de doutorado, e os sociólogos empunhavam suas bandeiras em hostes organizadas.

Este depoimento, é, com certeza, pálida imagem da totalidade das discussões ocorridas, até porque minha formação específica não abarca a profundidade dos conceitos e nem domino as taxonomias necessárias para a ilustração de tantas e diversas ciências do homem erudito.

O que interessa é o enunciado do novo consenso que estas discussões acérrimas provocaram : o "homo sapiens sapiens" merecerá uma segunda chance, talvez para se tornar o homem ético, por transformação de nossa própria espécie.

Nossa "ONG" , que numa tradução livre talvez pudesse ser chamada de "Homem do amanhã", divulgou sua intenção.

Plantaria uma biosfera de ambiente lacrado como embrião de uma futura humanidade : cem homens e cem mulheres, ainda bebês, seriam colocados nesta redoma de forma que toda a carga de ensinamentos negativos da espécie humana pudesse ser suprimida.

Esta idéia inicial precisou ser revista, ampliada, e foi alvo de fundadas e infundadas críticas ao longo do próximo ano que a sucedeu.

Sabemos que um bebê sem a herança cultural de sua mãe nada, ou pouco vale. Como, porém, transmitir os ensinamentos científicos necessários a uma correta sobrevivência, em harmonia com o meio ambiente, sem junto misturar a carga de superstições, de intrigas, de auto defesa predatória e do medo que atavicamente acompanham o homem em seu passo sobre a Terra ?

O processo foi longo e desgastante, mas os cientistas chegaram a uma maneira de comum acordo ; ressalto que o regulamento da organização deixava claro que nenhum proveito pessoal poderia ser tirado de sua atividade, nem mesmo a autoria individual dos trabalhos estava assegurada.

Por incrível que possa parecer, quanto mais críticas o Projeto recebia, na mesma proporção chegavam os donativos de grande monta. Não aceitávamos doações condicionadas em qualquer hipótese ; a escolha das crianças, é óbvio, foi um processo complicado, cuja solução encontramos através de métodos estatísticos sofisticados, de representatividade proporcional.

Fizemos um modelo matemático das etnias, culturas, línguas e credos da humanidade, e escolhemos crianças que representassem a maior diversidade possível. Lógico que isto não teria nenhuma importância para o desenvolvimento do Projeto, posto que estas heranças não seriam transmitidas aos moradores da cúpula ; no fundo estávamos mais interessados na herança genética diversificada, esta sim fundamental para a expansão saudável do grupo.

Ainda assim alguns países proibiram a criação da biosfera, outros negaram-se a deixar suas crianças serem enviadas, mas conseguimos juridicamente contornar estas questiúnculas de soberanias nacionais, posto que este era o Projeto do Homem.

Compramos uma extensa propriedade na Floresta Amazônica, metade no Brasil e a outra na Venezuela.

Alguns banqueiros internacionais, famílias que estão no setor desde alguns séculos, ajudaram-nos neste mister, bem como providenciaram os entendimentos governamentais necessários à implantação total do projeto.

Montamos esta cúpula hermética em tempo recorde, e aí minha contribuição foi maior, ainda que não privilegiasse nossa flora nativa.

Esta nova humanidade, por assim dizer, deveria viver com seus próprios e limitados recursos. O único insumo que lhes seria fornecido continuamente era a energia solar.

De certa maneira, tanto faria se a abóbada estivesse assente na Amazônia, sobre a linha equatorial, ou no Pólo Norte ou mesmo em Marte, exceto pelo sol a que antes me referi.

Fixamos uma determinada data para a entrega das crianças. Combinamos diretamente com organizações não governamentais e religiosas o prazo e as regras deste evento.

Os critérios de seleção local foram de uma diversidade extraordinária, e encheriam vários livros sua descrição. No Sri Lanka os monges budistas alinharam em círculo todas as crianças nascidas no mês de interregno estipulado. No centro desta figura geométrica perfeita liberaram um panapaná. O ungido foi aquele que mais borboletas escolheram para pousar.

Os hinduístas mandaram para a Suíça uma delegação de acólitos com o bebê no colo, cantando : Hare Khrisna, Hare Khrisna, Khrisna Khrisna, Hare, Hare...

Sua Santidade declinou do convite e criticou o Projeto como um todo. A criança norte americana foi escolhida do banco de esperma dos prêmios Nobel, devidamente inseminado numa cantora de música pop bastante conhecida por seus escândalos. Dizem que na Inglaterra uma fábrica de chocolates instituiu um prêmio de um milhão de libras esterlinas para a criança que fosse escolhida por cupons numerados inseridos em barra de gostosuras vendidas em quiosques espalhados por toda a ilha.

Enfim, isto não vem ao caso. Havia uma ampla gama de bebês de diversas etnias, como negros africanos e americanos, chineses, um australiano, uma brasileira, enfim, quase todas as nações estavam representadas.

Houve um período de transição de aproximadamente sete anos onde as crianças aprenderam a lidar com a produção hidropônica de hortaliças, técnicas de cultivo de cereais e criação de animais, em síntese, toda a tecnologia de suporte da vida. O modelo estava longe de ser arcádico ; antes incluía manuais de informática e suporte para conhecimento integral de pesquisa de ponta, que poderiam ser consultados na devida época.

Ao mesmo tempo houve todo um cuidado de não se transmitir a estes seres especiais nenhuma informação sobre a humanidade viva, nem nenhum conhecimento sobre a forma de organização social do homem, de modo a não instalar qualquer espécie de preconceito em sua criação.

Psicólogos discutiam sobre herança cultural e como não transmiti-la. Os tabus também não foram divulgados, pois tinha-se a crença de que estes valores universais estavam tão impregnados nos genes humanos que prescindiam de imposições exteriores.

A cúpula foi finalmente implantada em lugar cuja localização exata jamais divulgamos. Nesta altura instalamos centenas de câmeras por toda sua extensão, para monitorarmos o andamento do Projeto.

Foi então que recebemos uma oferta milionária da maior rede de televisão mundial para transmitir ao vivo diretamente da cúpula para todos os lares da terra.

Esta proposta levou a uma nova onda de devastadora discussão ente os participantes de nossa "ONG" . Terminamos por resolver a questão pelo voto direto dos membros fundadores.
A maioria dos votantes aceitou assinar o contrato com a televisão, pois o dinheiro recebido manteria o Projeto de pé, com a condição de que jamais haveria qualquer interferência da parte deles sobre a experiência que levávamos a cabo.

E assim chegamos à situação atual, com a vida na cúpula sendo acompanhada diretamente por milhões de telespectadores diários do mundo inteiro. Especialistas de marketin fizeram deste projeto científico um grande sucesso popular. O próprio nome do Programa, "Zimbório do Novo Homem", em minha opinião, é genial, pois remete inicialmente ao desconhecido, mas possibilita a todos nós acreditar na redenção da espécie e consequentemente em sua própria transformação pessoal.

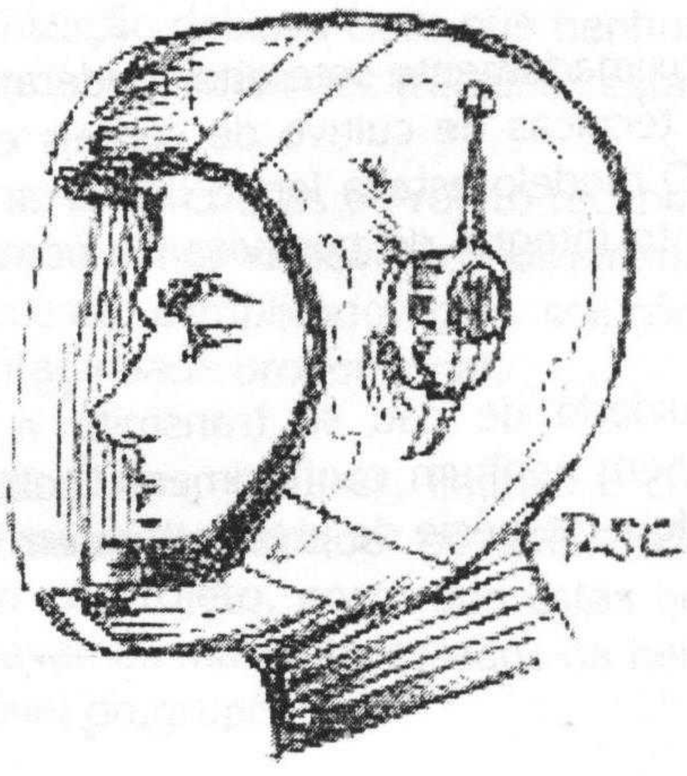
Entramos agora na fase crucial do Projeto. Os seres humanos confinados partem para a adolescência, onde prevemos que o nascimento dos desejos sexuais possa instabilizar o "modus vivendi" que estabeleceram, até agora exemplar.

Milhões de pessoas torcem por eles, acompanham cada um de seus passos e de seus sentimentos no dia a dia ; outros, creio, anseiam intimamente que fracassem, pois não poderiam suportar assistir a gênese de um novo homem, melhor que este que hoje campeia em nosso planeta.

Eu sinceramente creio na evolução da espécie. Temos que aguardar ainda alguns anos para ver se nossos jovens terão sucesso em criar uma nova estrutura social , mais justa, mais equilibrada entre seus componentes e seu meio ambiente.

Com o êxito desta plêiade a humanidade poderá então elevar-se um degrau em seu desenvolvimento ético. Só nos restará então despachar cúpulas assim para o espaço sideral.

Acredito que o universo poderá então, de novo, ser semeado.



ENTROPIA FINAL

Miguel Carqueija

"Eu sou o Alfa e o Ômega"
(Ap. 1,8)

A tela de gravidade era circular e nela as linhas apareciam em belas cores, geralmente rosadas ou azuladas, que raramente se contorciam freneticamente. Agora, focalizadas no abismo negro, diluíam-se num círculo escuro no centro do aparelho.

A Dra. Flavia Hernando aproximou-se de mim, olhou tristemente para a tela e observou:

- Você está fascinado com esse espetáculo. Mas não sei se adivinha o que eu já adivinhei.

Considerei-a. Colombiana, 48 anos, única sul-americana a bordo, era tida como uma cientista de elevada reputação. Em nossa expedição ela mantinha-se ou era mantida algo à parte, para o que se podiam aventar várias hipóteses explicativas: sua nacionalidade (embora falasse bem o inglês), sua religiosidade (que a separava daqueles cientistas positivistas ou agnósticos que eram maioria a bordo) ou talvez sua personalidade introspectiva.

- Imagino que isso representa um perigo para daqui a bilhões de anos – sugeri, não de todo a sério.

- Gostaria que viesse ao meu escritório. É uma coisa que eu prefiro falar em particular.

Acompanhei-a; ela fechou a porta, convidou-me a sentar e mostrou–me uns mapas astronômicos onde se viam diversas crateras negras.

- Você é um escritor e talvez por isso tenha a mente mais aberta do que a maioria dos cientistas, que são excessivamente preconceituosos. Você sabe o que é e como se forma uma cratera negra?

- Uma estrela entra em colapso e forma uma região de gravitação tão forte que nem a luz pode escapar, e ainda chupa a matéria em volta, não é isso?

- Assim se crê. O processo é complexo e só deve ocorrer com estrelas de volume muito grande: primeiro o sol entra em colapso, implodindo; aí forma-se um horizonte incidente, além do qual a luz não passa, e a estrela atinge então o "ponto de singularidade", onde, supõe-se, não funcionam as leis tradicionais da Física. O buraco negro está pronto e já pode atuar como uma voragem, ou um ralo no espaço.

- Dizem que dois buracos negros podem se juntar, não é?

- É correto e já foi observado. Mas agora compreenda: comprovamos esse objeto tão próximo do Sistema Solar. Nunca se observara um abismo negro a tão pouca distância de um sol e seus planetas – e é logo junto ao nosso sistema que ele se encontra. Meus colegas hesitam em reconhecer, mas eu já percebo que as linhas gravitacionais do Sistema Solar estão sendo distorcidas. Todo o nosso sistema poderá ser puxado para o interior do abismo negro e isso não é para daqui a bilhões de anos, mas muito menos.

- E não há meio de impedir? Temos tempo e com o avanço da Ciência...

- Receio que a Ciência seja impotente para modificar os profundos desígnios de Deus. Não, Solón, o que nós hoje assistimos apenas confirma o que sabemos há séculos: que a energia se dispersa e que o Universo tende a ficar indiferenciado. Só que os abismos negros representam um apressamento do fenômeno. Hoje em dia já orçam por milhões os pontos de singularidade conhecidos. Não passa um dia sem que algum seja descoberto. Parecem brotar do nada. Eu imagino que a epidemia desses abismos

anuncia a entropia final do universo. E não há força que a isso possa se opor, pois é a própria Vontade Divina que está agindo.

Arrisquei uma pergunta sem muita importância:

- E você crê que devemos dizer isso no relatório?

Ela voltou-me as costas e fitou a janela panorâmica, de onde se podia avistar o horizonte de eventos:

- Meu caro, desde que me conheço sei o quanto são materialistas os relatórios. O que importa não é isso. O que importa é que cada um de nós reconheça o quanto somos pequenos diante dessas maravilhas. Não fiz da Ciência um ídolo. A Ciência sem Deus é um cadáver.

Apontou a medonha aparição do abismo negro:

- Veja como cai matéria por lá. Nuvens cósmicas, mais facilmente atraídas. Um processo lento mas irreversível. Como vê, Solón, Ele nos mostra claramente que o Universo não é eterno. Só nos resta, agora, substituir a velha arrogância científica pela humildade profunda.

FU'BOL

João Ventura [Portugal]

O som das pancadas na porta do quarto, olhei à volta rápido, não fosse tar à vista algum dos trecos que fazem o velho ficar com arrepios. Mas não: o spray de amoníaco, a corrente e a soqueira, já tava tudo arrumado no blusão; a faquinha no lugar dela, dentro do cano da bota direita. Tudo nos conformes!

-- Entra, vô!

Ele entrou a arrastar os pés, que é a maneira como ficou a andar depois do enfarte. Os velhos são todos uns chatos – quando falamos dos velhos entre a malta cuspimos sempre para o lado com ar de nojo – mas o meu avô até é um cota assim-assim. Às vezes até conta umas tretas com piada, como aquela de há bué d'anos levar o meu pai ao estádio ver o fu'bol. E eu perguntei-lhe:

-- Mas não podiam ver em casa, não havia caixotes?

E sabem o que me respondeu?

-- Havia, mas muita gente gostava de ir ver ao estádio.

Isto são de certeza devaneios do velho; às vezes também se põe a dizer que quando era novo um meco podia sair de casa à noite sozinho e desarmado; eu dou-lhe o desconto, e como ele não mexe com a minha vida, vamo-nos dando bem.

Sobre a morte do meu pai é que nunca consegui arrancar-lhe nada de jeito: diz que ele pertencia às milícias populares de auto-defesa (já perguntei ao Jaime, qué o caixa d'óculos lá do grupo, qu'até vai à mediateca ler livros, se sabia o quisso era, mas ele népias), qu'entraram numa luta com traficantes de droga e que o meu pai levou umas naifadas e chegou já morto ao hospital. Não percebo porque é que havia traficantes de uma coisa que se compra no hiper e fico cada vez mais convencido que o velho se está a passar.

O velho olhou à volta, devagar, como faz sempre, observando com mais vagar o poster a anunciar o mega concerto dos Morte em stock, o cartaz dos Furacões Verdes no lugar de honra, por cima da cama, e a minha última aquisição, a caveira em PVC fluorescente que me serve de luz de cabeceira, abafada da última vez que a malta foi arejar ao shoping.

-- Então vais ao jogo?

-- Tá claro, vô; temos umas contas a ajustar com os encarnadinhos (isto é o que a malta chama aos Vermelhos Vivos e que os gajos passam-se completamente!)...

-- Tem calma, rapaz e não te metas em sarilhos...

Deu-me uma pancadinha no ombro e saiu do quarto; ouvi-lhe os passos arrastados e ainda o clic do caixote, acendendo automaticamente quando ele entrou na sala.

Vesti o colete e corri o fecho; pouca gente diria que por baixo do tecido preto, havia uma malha de aço capaz de parar uma bala ou uma faca. As "cuecas blindadas", como a malta dizia na galhofa, já estavam vestidas debaixo das calças de couro.

Peguei no capacete e no blusão, atirei um té logo, vô ao passar pela porta da sala, onde ele tava já alapado frente à caixa e desci a escada para a garagem. Sabia que ele ia ficar a ver a transmissão do jogo mas já não sei se ele topa mesmo como as coisas se passam no estádio... Bem, ele sabe que o árbitro é uma espécie de realizador de TV, a olhar para os monitores que lhe mostram as imagens enviadas pelas robocâmaras que andam pelo campo e ajudado por um banco de filtros neuronais capaz de identificar, em tempo real, a legalidade de qualquer jogada. E que um jogador que apanha um vermelho leva uma injecção que o deixa a rastejar durante 2 meses. Mas não sei se ele topa que o campo propriamente dito está totalmente dentro de uma enorme bolha de Restran, a mesma cena de que são feitas as janelas dos carros dos gajos importantes...

E isso é o que a caixa leva a casa de cada um, são as imagens deste jogo totalmente isolado. Mas para nós, o que interessa é o que se passa nas bancadas! Na última vez entre nós e os encarnadinhos ganharam eles por 5 a 3 (sem contar com os feridos); hoje vamos ter que tirar a desforra!

Há outra transmissão que é feita do estádio, mas dessa o velho não sabe e não sou eu que lhe vou dizer; é a da batalha nas bancadas, e para se receber é preciso montar um descodificador acoplado à antena (ainda no mês passado estivemos a instalar uma treta dessas em casa do antigo chefe do nosso grupo, que ficou paraplégico no último jogo contra os Demónios da Foz). E a massa nas apostas em relação à porrada é muito mais do que a das apostas sobre o resultado do jogo!

Claro que eu também topo que isto do fu'bol é uma treta e é um ganda negócio e que são as multinacionais que estão por trás de tudo, da compra e venda de jogadores, das apostas, dos direitos de transmissão dos jogos, da venda das bandeiras, dos lenços, dos bonés... Ainda na semana passada, no bar onde a malta costuma parar, um gajo começou com esta conversa, e a malta foi ouvindo, uns curtindo, outros menos, mas o gajo já tava a ficar nublado e quando começou a dizer que azuis, encarnados, verdes era tudo a mesma trampa caímos-lhe em cima, levou uma carga de porrada e quando os seguranças do bar chegaram à festa já ele tinha alguns ossos partidos e já a malta se tinha pirado!

Na garagem, visto o blusão, ponho o capacete (especialmente desenhado para "choques não rodoviários", dizia a publicidade), testo as pilhas do emissor-receptor, e cavalgo a minha Honda-Kawa. Rodo a chave, puxo um bocado pelo faz-barulho e aos 90 dB o sensor abre o portão. Deslizo pela rampa, checando pelo espelho o portão a fechar-se atrás de mim. Entro no acesso à CREL e dirijo-me para o local da cerimónia preparatória, respirando o ar quente do fim da tarde. Para mim, aquelas fantochadas com fogueiras, archotes e cruzes suásticas não dizem nada, mas a malta grama à brava e fica tudo na maior... E hoje vamos precisar da força toda, porque parece que os encarnadinhos também decretaram mobilização geral, e eu vou berrar tão alto como os outros...

Tiro duas pastilhas do bolso do blusão e meto-as na boca, onde se dissolvem lentamente. Uma espécie de formigueiro começa a passar-me nas veias, abro o gás, e enquanto o asfalto desliza cada vez mais depressa debaixo das rodas, começo a cantar na força máxima o hino dos Furacões Verdes...

DEPOIMENTO

19ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO

Visitei várias vezes a 19ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, e gostei da realização do evento no Anhembi.

O lugar é muito mais amplo que os locais anteriores, e a disposição dos estandes era simples, lógica e muito prática. Impossível perder-se lá dentro.

Os corredores eram bem amplos e confortáveis, e não havia, como em outras feiras, cantos esquecidos com estandes às moscas.

Sanitários e opções de alimentação não eram perfeitos, mas eram satisfatórios.

De forma geral, a opinião de livreiros e editores quanto ao local e à organização da feira foi muito positiva, apesar do custo alto da participação e das vendas pouco animadoras.

De qualquer forma, a Bienal do Livro de São Paulo é o evento mais importante do Brasil para contatos e negociações no mercado livreiro.

Os pontos negativos do evento foram o calor, os transtornos causados pela chuva e a precariedade do sistema de internet, que prejudicou o trabalho dos jornalistas e a realização dos chats com autores. Não chegaram, porém a comprometer o sucesso da Bienal.

Quanto à Literatura Fantástica, as atrações que destaco foram:

- noite de autógrafos de *Viagem de um Bilôntio Pelas Terras dos Crombélios*, de Rosana Rios, inaugurando a linha de literatura infanto-juvenil pela Devir Livraria;

- os chats com os autores Giulia Moon (que contou com a presença internacional de Carolyn Kendrick, da Universidade da Califórnia), André Vianco e Rosana Rios;

- no estande da Unesp, o livro *História dos Vampiros*, de Claude Lecouteux, lançado recentemente.

Relacionados à arte fantástica, ainda, o livro *Goth Chic*, de Gavin Baddaley (Rocco), que tem muito a ver com vampiros, e o lançamento do romance *Sociedades Secretas*, de Sérgio Pereira Couto (Universo dos Livros), autor que tem um pé no fantástico e no sobrenatural.

Deve ter havido muita coisa mais, mas não fiquei sabendo.

Martha Argel